

Centenas de milhar de pessoas na Festa do «Avante!»

Uma grande afirmação popular e nacional



A foto mostra-nos, no primeiro plano, à direita, um aspecto muito parcelar do Palco 1 e do terreno fronteiro, no decorrer do comício de domingo. Entretanto, no resto do recinto permaneciam milhares de pessoas, escutando os discursos através da instalação sonora, conforme também se pode ver (parcialmente) na foto

A Festa do «Avante!» é:

- Um espelho da nova e exaltante realidade portuguesa criada pela revolução e que as forças reaccionárias instaladas no governo procuram destruir
- A mais extraordinária, a mais rica, a mais diversificada realização cultural de massas jamais realizada no nosso país
- Uma fiel e exaltante tradução pelo nosso Partido dos sentimentos, das aspirações, dos objectivos, da capacidade da classe operária e dos trabalhadores
- A gigantesca arena do mais grandioso convívio e confraternização populares, de sã alegria, do amor à vida, das elevadas relações humanas, dos sentimen-

tos de respeito e afecto recíproco que geram os ideais dos comunistas

- Uma poderosa expressão da organização, da militância, do trabalho, da luta, da capacidade de realização criativa do nosso Partido e da sua entranhável ligação com a classe operária e as massas populares
- Uma grande afirmação internacionalista de solidariedade para com o nosso Partido, para com o nosso Povo, para com a revolução portuguesa, e também a expressão da nossa solidariedade activa para com os jornais, os partidos e os povos representados na Festa.

SEMANA Nacional

2 Quarta-feira



Loares: APU confiante

Um plenário de delegados sindicais de freguesias e comissões de Mulheres Desempregadas do distrito de Beja decide nesta cidade que os trabalhadores da Reforma Agrária do distrito irão paralisar no próximo dia 24, com três concentrações simultâneas (Beja, Odemira e Moura) como forma de protesto contra a ofensiva que os Governos da «AD» têm prosseguido. Em conferência de imprensa realizada no Centro de Trabalho Vitória do PCP, Severiano Falcão, ex-presidente da Câmara Municipal de Loares, considera que a APU está em condições de se manter a força maioritária do concelho nas eleições intercalares marcadas para o próximo dia 11 de Outubro.

3 Quinta-feira



MDP/CDE anuncia Jornadas Democráticas

O matutino lisboeta «o diário» noticia o encontro de uma delegação do PS, composta por Mário Soares e Almeida Santos, com a cimeira da «AD» - Pinto Balsemão, Freitas do Amaral e Ribeiro Teles - acrescentando que enquanto o serviço de Relações Públicas do Primeiro-Ministro indigitado, contactado telefonicamente, afirmava que a reunião se efecturava «a pedido do Sr. Mário Soares» e que não seriam divulgados os assuntos tratados, um elemento do gabinete de imprensa do PS garantia que o encontro se realizaria por «sugestão do sr. Primeiro-Ministro», tendo sido abordada a situação política. A direcção da Polícia Judiciária informa que mantém sob prisão 14 arguidos de fogo posto, com idades variando entre os 16 e os 23 anos, os quais se confessaram autores de algumas dezenas de incêndios, alegando «motivos» de natureza diversa; três dos réus terão agido por instigação de madeireiros. Em conferência de imprensa o MDP/CDE propõe a realização, até ao final do ano, de Jornadas Democráticas que reflectirão sobre os problemas da educação, cultura e comunicação social no nosso País.

4 Sexta-feira

Com o ícar da bandeira do PCP e da bandeira portuguesa junto do monumento que assinala o 60.º aniversário do Partido, inicia-se ao fim da tarde no Casalinho da Ajuda, em Lisboa, a 6.ª edição da Festa do «Avante!». O Presidente da República, general Ramalho Eanes, empossa o segundo Governo «AD» - Balsemão, afirmando a dada altura que «temos de reconhecer» o estímulo constituído pelas promessas eleitorais ainda não encontra tradução nas realizações políticas concretas», acrescentando que «governar tem de ser, sempre, ir mais além do que as promessas eleitorais»; por seu lado Balsemão afirmaria que este seu novo Governo apresenta «condições reforçadas para mudar Portugal», numa «mudança» que exigirá «sacrifícios no futuro mais próximo». A Agência Moçambicana de Notícias (AIM) informa que a Câmara do Comércio e Indústria de Moçambique e o Fundo de Fomento de Exportação de Portugal assinaram no Maputo um protocolo de cooperação.

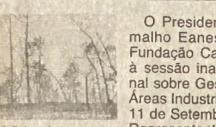
5 Sábado

O Movimento Português contra o «Apartheid» lança uma campanha para angariação de aderentes e outra exigindo a libertação de Nelson Mandela, dirigente do Congresso Nacional Africano (ANC) e encarcerado pelos racistas sul-africanos há 17 anos. É noticiado na imprensa que o Governo «AD/Balsemão» deu instruções ao seu representante na ONU para que voltasse em conjunto com os EUA e alguns membros da NATO contra a resolução que viria a confirmar a proibição dos racistas sul-africanos participarem nas reuniões da Assembleia Geral da ONU; esta atitude evidencia a hipocrisia tomada de posição do actual Governo português contra a presente invasão da RP de Angola pelos racistas sul-africanos.

6 Domingo

Encerra, no Alto da Ajuda, em Lisboa, a 6.ª edição da Festa do «Avante!». Com uma frente de mais de oito quilómetros e vários focos de presumível origem criminosa, continua o fogo que ontem deflagrou na zona da Guarda e já atingiu três Freguesias (Quadrães, Ozende e Soito); já arderam milhares de pinheiros, castanheiros e grandes extensões de mato, enquanto continuam ameaçadas várias quintas próximas. A frota de sardinha de Matosinhos fica de novo em terra devido à greve dos motoristas marítimos e ajudantes, que paralisaram a 100% por reivindicações salariais.

7 Segunda-feira



O País arde... e o Governo?

O Presidente da República, general Ramalho Eanes, preside nas instalações da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, à sessão inaugural do Simpósio Internacional sobre Gestão dos Recursos Hídricos em Áreas Industriais, que ali decorrerá até ao dia 11 de Setembro sob os auspícios da ONU. Representantes dos trabalhadores e da administração dos CTT prosseguem as negociações para a revisão do Acordo Colectivo de Trabalho daquela empresa pública. Os Bombeiros Voluntários da Guarda, que neste fim-de-semana tiveram de acorrer a nove fogos ateados na região por máos criminosas encontram-se exaustos e sem recursos materiais, enquanto o Governo nada faz para conter esta onda criminosa de incêndios. A gestão do Banco Português do Atlântico anuncia para 14 de Outubro próximo mais um leilão da participação do sector público - desta vez os 12,5% do capital social da empresa «Ligal»; a alienação da participação do sector público em favor de capitalistas, que em geral adquirem as acções por meio de «cauteias de indemnização», retirou do Estado participações nas empresas «Novagaia», «Oliveira e Ferreira» e «Vilatêxtil» e outras.

8 Terça-feira

Em conferência de imprensa realizada em Lisboa, representantes de autarquias alentejanas, dirigentes sindicais e elementos da Reforma Agrária manifestam o seu repúdio pelo denominado «Plano de Combate ao Desemprego no Alentejo» apresentado em Julho passado pela Direcção Regional do Alentejo da Secretaria de Estado do Desemprego, considerando demagógicas e irrealistas as medidas defendidas nesse plano, dado que pretendem responsabilizar as autarquias por um flagelo social que lhes é alheio e contemplam apenas 3000 dos cerca de 22 000 desempregados do Alentejo. Joaquim Chissãno, ministro dos NE da RP de Moçambique, de passagem por Lisboa, é recebido pelo Presidente da República. Domingos Abrantes, que chefiou uma delegação do PCP num encontro com o 2.º Governo da «AD» - Balsemão e a convite deste, afirma à saída de S. Bento que o PCP «é contra quaisquer soluções que, em nome da necessidade da subordinação do poder militar ao poder civil, levem à governmentalização das Forças Armadas e à revisão da Constituição por via legislativa».

Feméride da Semana - A 5 de Setembro de 1829 morre Avelar Brotero, lente da Universidade de Coimbra e eminente botânico cuja obra principal, «A Flora Lusitana», conserva ainda hoje grande importância científica.

Editorial

UMA FESTA PARA DURAR UM GOVERNO PARA CAIR

Sexta-feira, dia 4, dois acontecimentos marcantes da vida Nacional, de natureza diferente e de sentido oposto tiveram lugar, quase paredes meias, na nossa capital: no Palácio da Ajuda tomou posse o novo Governo AD, de Balsemão e Freitas; no Alto da Ajuda realizou-se a sexta edição da Festa do «Avante!».

Os dois acontecimentos têm qualquer relação entre si? Existem termos de comparação entre um e outro? Sim, há uma relação evidente entre os dois para além da localização geográfica e da topografia citadina. É uma relação de antagonismo. Em termos de comparação um e outro apontam propostas, definem objectivos políticos e sociais opostos, reflectem um e outro, à sua maneira, a realidade nacional: a Festa do «Avante!» é toda ela a viva expressão do 25 de Abril, das conquistas democráticas do nosso Povo - o Governo AD/Balsemão/Freitas é todo ele a expressão acabada dos inimigos de Abril, dos que projectam um golpe subversivo contra o regime democrático, dos que querem destruir as conquistas fundamentais da Revolução.

A sexta edição da Festa do «Avante!» teve este ano - como as anteriores - a participação de largas centenas de milhares de visitantes, em número superior às que antecederam (cálculos provisórios atiram para as 700 mil pessoas).

Portugueses e portuguesas do Norte e do Sul, das zonas interiores e da orla atlântica, das Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores e dos círculos da emigração, vieram em força até ao Alto da Ajuda, trouxeram à Festa os seus sotaques e os seus temperamentos, as suas vestimentas regionais; também as suas opiniões mais variadas.

Mas não se deslocaram de perto ou de longe até à bela vertente do Monsanto debruçada sobre o Tejo como quem vai «para as hortas», comer o piquenique de fim-de-semana em família.

Algo de superior pôs em movimento de todos os recantos do País até ao Casalinho da Ajuda essas centenas de milhares de portugueses e portuguesas de todas as condições sociais - pólos de interesse muito diversos mas todos de natureza elevada do araluz à magnífica cidade de tubo e tela (e não só...) que milhares de outros portugueses engriam num esforço de trabalho de dois meses.

O poder criador, a capacidade organizativa, a operosidade e inextinguível militância de milhares de comunistas e de simpatizantes do PCP estavam nos alicerces da pequena cidade construída no Alto da Ajuda.

E não apenas isso: lá estavam para quem os quis ver e relacionar os elementos constitutivos de uma proposta de alternativa democrática ao Governo e à política actual da AD formulada pelo PCP, lá estava a mensagem do Portugal de Abril, do Portugal democrático de hoje, do Portugal socialista de amanhã que há-de sair das mãos, do trabalho, da vontade e da luta do Povo português.

ALGUMAS palavras ganham na Festa do «Avante!» uma dimensão exacta.

Fraternidade, Confiança, Alegria, Juventude não são termos abstractos nem formas adjectivas ociosas para classificar o gigantesco convívio popular de massas no Alto da Ajuda.

O facto deste ano a Festa ter como tema central o 60.º Aniversário do PCP e subsidiariamente o 50.º Aniversário do

nosso jornal emprestou a esta sexta edição um significado especial.

No centro das manifestações político-culturais do Alto da Ajuda a exposição do 60.º Aniversário do PCP, numa nova versão estética da que foi realizada em Maio último no Pavilhão dos Desportos, vale como um símbolo de consequência política e de coerência ideológica e histórica do grande partido dos trabalhadores que está no cerne da luta revolucionária do Povo português.

Como salientou Álvaro Cunhal, «na Festa aparecem os problemas vivos do Povo português, o trabalho realizado, os projectos, os planos, as soluções apresentadas pelos trabalhadores e pelo seu partido para os grandes problemas nacionais, regionais e locais, tendo sempre como fito o bem-estar e a felicidade dos portugueses».

A Festa do «Avante!» reflecte o que de mais profundo e válido emana do Povo português, dos operários, dos camponeses, dos intelectuais, das massas populares na sua expressão democrática mais ampla.

É uma realização sempre nova e actual mas que se projecta no futuro: um enquadramento superior das grandes questões da actualidade nacional, visionadas do ângulo de interesses da classe operária, do Povo e do País e, ao mesmo tempo, o medlar das grandes aspirações populares a uma vida melhor, liberta da exploração e da opressão sob todas as suas formas, do patriotismo que repele a submissão ao grande capital português e estrangeiro, ao imperialismo sem pátria.

O patriotismo e o internacionalismo são duas faces de uma mesma medalha de que o belo monumento - para três dias! - erigido no Alto da Ajuda em glorificação dos sessenta anos do PCP, é expressão universalista na sua essência e patriótica na sua forma.

A Câmara Municipal de Lisboa, sob a direcção da AD e do CDS, pretende injustamente inviabilizar o Alto da Ajuda para as Festas seguintes do «Avante!».

As pedras colocadas no caminho não impedem nem impedirão a marcha para a frente.

A Festa do «Avante!» não é um produto de variável conjuntura política, mas uma criação com fundas raízes no coração dos trabalhadores e do Povo.

E por isso nenhuma força reaccionária a impedirá.

E por isso a Festa do «Avante!» é uma Festa para durar!

O novo Governo AD, de Balsemão e Freitas é uma nova edição dos dois governos «AD» que o antecederam.

Mas é só novo nalgumas caras - nalgumas caras significativas do projecto político de subversão da democracia que se esconde por detrás da «candidez» máscara «reformista» exibida por Balsemão no acto de posse.

No resto é velho - nas pessoas, nas promessas, nos objectivos, nos planos antidemocráticos.

A nova composição - a «recauchutagem» - do Governo AD/Balsemão com alguns ultras da AD em particular do CDS, nos ministérios de maior importância estratégica, não resolverá, antes agravará toda a problemática da crise que abala o País.

Não extingue mas apenas adia os conflitos internos e rivalidades pessoais e de grupo que roem as entranhas da coligação reaccionária.

Tudo o exórdio de Balsemão no acto de posse é um modelo acabado de hipocrisia política.

PCP

APU apresenta candidatas em Loures

A composição da lista de candidatas da APU às eleições suplementares para a Câmara Municipal de Loures, que se realizam no próximo dia 11 de Outubro, foi divulgada a semana passada em conferência de imprensa em que participaram, para além do chefe da lista, camarada Severiano Falcão, dirigentes do MDP/CDE e do PCP.

Composta por homens, mulheres e jovens, democratas honestos e decididos a defender com intransigência os verdadeiros interesses do povo do concelho e do regime democrático, a lista revela uma cuidada distribuição etária e profissional, bem como a experiência de trabalho colectivo em Organizações Populares e nas Autarquias, agregando várias concepções políticas.

Assim, 68,2 por cento dos seus elementos são membros do PCP, 12,1 por cento são membros do MDP/CDE, 15,2 por cento são independentes, um é ex-militante do PS e membro da actual Junta de Freguesia de Sacavém e dois são jovens da UCP.

Quanto à distribuição etária, um dos candidatos tem menos de 20 anos, seis entre 20 e 30 anos, a maioria (24) situa-se entre os 31 e 40 anos, 15 entre os 41 e 50 anos e 20 têm mais de 50 anos. Seis dos candidatos são mulheres.

No que se refere às actividades desenvolvidas em Órgãos de Poder Local e Organizações Populares de Base, foi revelado que 11 dos componentes da lista APU são presidentes de Juntas de Freguesia, 4 são membros de Juntas, dois são presidentes de Assembleias Municipais.

Encontro

Realiza-se no próximo sábado, dia 12 de Setembro, um encontro de activistas da APU do concelho de Loures. O encontro decorrerá no Ginásio do Sacavemense (Sacavém) das 15.30 às 19.30h, com a seguinte ordem de trabalhos: Balanço de ano e meio de gestão APU; objectivos a atingir nas eleições de 11 de Outubro; apresentação do programa e dos candidatos. Nos trabalhos intervirão, entre outros, os camaradas Severiano Falcão e Octávio Pato.

Valpaços vota domingo

Realizam-se no próximo domingo as eleições intercalares para a Câmara Municipal de Valpaços, provocadas pela sucessão de escândalos da autoridade de Sobrinho de Moraes, que foi até há bem pouco tempo um dos eleitos mais queridos do PSD.

As intenções de campanha desenhadas pelo PSD em Valpaços, que chegou a lá mandar o próprio secretário-geral, António Capucho, revela bem as manobras desencadeadas por aquele partido para fazer esquecer as suas negociações desenvolvidas pelo ex-presidente do município, que deixou a autarquia numa situação económica verdadeiramente caótica.

Recordo-se, a propósito, que o actual presidente da Comissão Administrativa de Valpaços confessou recentemente que para pagar as dívidas de Sobrinho de Moraes «a Câmara, durante um ano, tirando os domingos, tem de arranjar mil contos por dia». Cabe perguntar, como tal é possível, quem é que vai pagar?

Delegação do Partido Operário Socialista Húngaro esteve em Portugal

A convite do Comité Central do Partido Comunista Português esteve de visita a Portugal entre os dias 2 e 7 de Setembro uma delegação do Partido Operário Socialista Húngaro dirigida por Janos Berecz, membro do Comité Central e chefe da Secção Internacional do POSH que integrava também Attila Gece, da Secção Internacional.

A delegação do POSH foi recebida por Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP, e teve conversações com uma delegação composta por Sérgio Vilarigues, membro da Comissão Política e do Secretariado do CC e Albano Nunes, membro do Comité Central e responsável da Secção Internacional, e encontrou-se também com Blanqui Teixeira, membro da Comissão Política e do Secretariado.

A delegação do POSH participou na Festa do «Avante!» que decorreu entre os dias 4 e 6 de Setembro, encontrou-se com intelectuais comunistas e realizou um colóquio para participantes na Festa. Durante as conversações e encontros realizados, que decorreram no clima de fraternal amizade que caracteriza as relações entre o PCP e o POSH, foram trocadas impressões e opiniões acerca da situação nos respectivos países e a actividade dos dois partidos assim como questões de actualidade da situação internacional.

de e do movimento comunista e operário internacional. Foram também examinados aspectos relativos às relações de intercâmbio e cooperação entre os dois partidos, tendo sido expressa a vontade das duas partes de prosseguir o seu desenvolvimento.



O camarada Janos Berecz (o segundo, em pé, a contar da esquerda) no decorrer do colóquio realizado na Festa do «Avante!». Sentados: Carlos Abolim Inglês, do CC do PCP, Graça Filipe, da Secção Internacional, e Carlos Carvalhas, do CC

João Martins

Faleceu no passado domingo em Lisboa, vítima de doença súbita, o camarada João Martins, um dos mais talentosos «cartoonistas» portugueses contemporâneos, com larga colaboração dispersa pela imprensa e publicada em livro.

Contava 53 anos e era natural de Portimão, tendo desempenhado várias profissões antes de se fixar no trabalho nos jornais, nomeadamente em «A Bola» - cuja fisionomia gráfica, ao longo de trinta anos, ficou indelevelmente marcada pelo traço de João Martins - «Avante!» e «o diário».



páginas uma vasta galeria de dezenas de figuras e situações da cena política nacional e internacional impregnadas de um humor cáustico que as tornava inconfundíveis.

A sua versatilidade era notável, tendo-se igualmente dedicado, para além dos temas desportivos e políticos, ao desenho e ilustração para crianças. Mas a sua grande paixão eram as caricaturas e «anedotas» desportivas com «conotações» políticas - tendo, a este propósito, ficado célebres alguns «bonecos» publicados em «A Bola» antes do 25 de Abril.

No funeral, antontem, incorporaram-se amigos, camaradas e companheiros de trabalho, numa derradeira homenagem ao homem de talento e, simultaneamente, de inextinguível modéstia e simplicidade que foi João Martins.

Estiveram presentes, nomeadamente os camaradas Dias Lourenço, director do «Avante!» e membro da Comissão Política do CC do PCP, e Miguel Urbano Rodrigues, director de «o diário», assim como Carlos Miranda, director de «A Bola», e o Organismo da Direcção do Sector de Informação de Lisboa do PCP.

Antes de urna descer à terra, o filho de João Martins e Dias Lourenço pronunciaram breves palavras em sua homenagem.

A mulher, filho, nora e restante família do camarada e amigo desaparecido, as sentidas condolências do colectivo do «Avante!».



Proletários de todos os países: UNI-VOS!
O jornal dos trabalhadores da democracia e do socialismo
PRÓPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Soares Pereira Gomes - 1699 - Lisboa CODEX, Tel. 768345
ADMINISTRAÇÃO: Editorial Avante, SARL, Av. Santos Dumont, 57-3.º Dt.º, 1000 Lisboa Tel. 769744/769751

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soares Pereira Gomes - 1699 Lisboa CODEX. Tel. 769725/769722.
DISTRIBUIÇÃO: CDL, Central Distribuidora Ljubljana, SARL, Serviços Centrais: Av. Santos Dumont, 37-2.º - 1000 Lisboa. Tel. 779828/779825/769751.
Casa da Venda em Lisboa: Rua do Século, 80 - 1200 Lisboa. Tel. 372238.
Delegação do Norte: Centro Distribuidor do Norte: R. Miguel Bombarda, 578 - 4000 Porto. Tel. 693908.

Centro Distribuidor de Coimbra: Rua 1.º de Maio, 198, Piedrafita - 3000 Coimbra Tel. 31265.
Delegação do Sul: Centro Distribuidor de Évora: Alarcova de Baixo, 13 - 7000 Évora. Tel. 26361.
Centro Distribuidor de Faro: Rua 1.º de Dezembro, 23 - 8000 Faro. Tel. 24417.
ASSINATURAS: Av. Santos Dumont, 57-2.º Esq.º - 1000 Lisboa. Tel. 779828.

PUBLICIDADE CENTRAL: Av. Santos Dumont, 63-A - 1000 Lisboa. Tel. 778566/778750. Porto - Rua do Almada, 18-2.º Esq.º - 4000 Porto. Tel. 381067.
EXPEDIÇÃO: R. João de Deus, 24 - Venda Nova - 2700 Amadora. Tel. 900044.
Composto e Impresso na Hebla Portuguesa - R. Elias Garcia, 23 - Venda Nova - 2700 Amadora.
Tiragem média do mês de Agosto: 50 113

Avante! Festa do



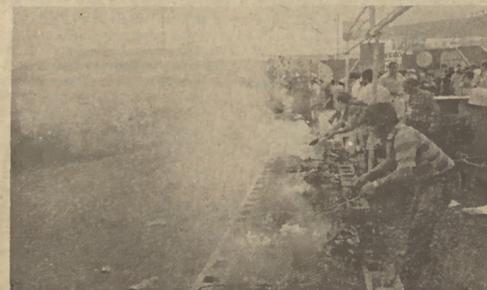
O monumental baixo-relevo comemorativo do 60.º aniversário do PCP



Um dos muitos (e vastos) restaurantes em "serviço permanente"



Comida não faltava, mas as bocas eram tantas!



Os petiscos eram para todos os gostos, com "artes culinárias" de todo o país

S^{EXTA}, sábado e domingo, no Alto da Ajuda, foi a Festa. Que tem o nome do nosso jornal mas, muito mais do que isso, é obra e pertence a todo o Partido. Naturalmente, esta edição do «Avante!» é-lhe inteiramente dedicada, exceptuando alguns poucos materiais nacionais e estrangeiros cuja actualidade não permitia adiamentos. Do que foi a Festa, tentámos dar ao leitor uma ideia, através do texto e da imagem. Mas fazemo-lo com a consciência de que dias assim, como aqueles do Alto da Ajuda, só participando e vivendo-os no terreno verdadeiramente os sentimos e percebemos...



...houve mesmo quem metesse todo o Programa na cabeça!



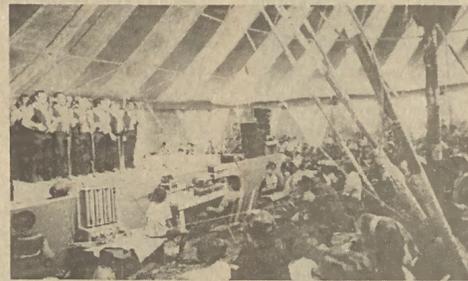
Não é um rosio qualquer: é uma criança do Portugal de Abril, na Festa do «Avante!» e com a garrdice a que (todas) as crianças têm direito



Uma perspectiva do espectacular monumento comemorativo do 60.º aniversário do PCP, obra de artistas comunistas



A sempre espectacular largada de balões, no decorrer do comício de domingo



Um dos numerosos colóquios realizados durante a Festa



Folclore, espectáculo, cultura genuinamente representativa do todo que define um povo: trabalho, luta, fraternidade, alegria e arte



As bandas de música, de grandes tradições no nosso país, estiveram condignamente representadas



O secretário-geral do PCP, na abertura da Festa, pára a cumprimentar os ex-tarrafalistas



A juventude em peso na Festa, com a alegria que a caracteriza, a generosidade que a define, o espírito de luta que a torna depositária do Futuro; e a juventude não tem idade



O trabalho da equipa de bombeiros foi visivelmente eficiente



O primeiro passo: puxar da EP



A entrada



A juventude e o amor não podiam faltar

4 festa do **Avante!**

3.ª Bienal e homenagem a Dourado

A consagração a par da frescura de quem vai com gosto pelo seu pé

«Homenagear Cipriano Dourado, fazendo esta exposição, é também devolver a sua obra a quem a inspirou: os trabalhadores e o povo português». Estas poucas palavras, que vêm no Programa da Festa do «Avante!», reclamam — é o termo — outras palavras que a visita à exposição não pode deixar de suscitar.

As 116 obras mostradas durante dois dias e meio a um público tão homogêneo — no essencial as diferenças anulam-se neste caso — como é o da Festa recordaram bem que o artista, no percurso das formas que tomou a sua sensibilidade e o seu poder criador ao longo de mais de trinta anos, se manteve comunista.

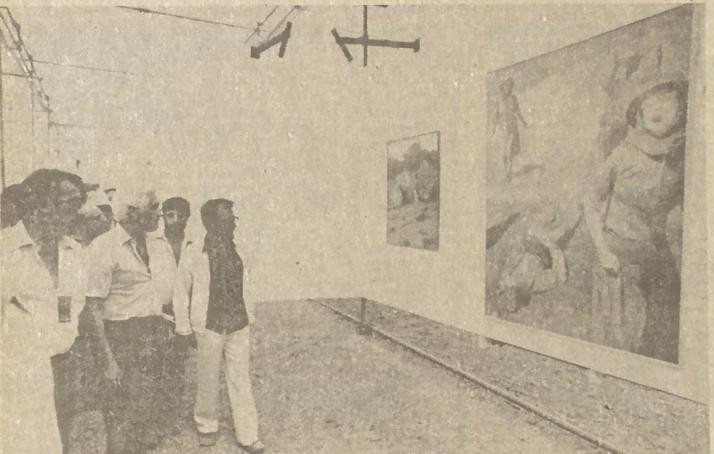
As obras do último período da sua vida, pois pintou praticamente até morrer com pouco mais de 50 anos, percorriam caminhos aparentemente insuspeitos: no traço das gravuras que por exemplo a «Vértice» reproduzia com facilidade e rigor.

A preto e branco lá estavam, no pavilhão da homenagem, os originais dessas gravuras que a PIDE perguntava de quem eram, quem era o seu autor, quando entrava em certas casas.

Esse texto advertia também para a «surpresa» perante o conjunto da obra exposta. E verdade que essa sensação é bem nítida no primeiro relance ao conjunto dos quadros. Mas depressa a «surpresa» se enriquece e deixa de ser, superficialmente pelo menos, quando o olhar penetra mais profundamente na evolução do artista e até na revolução, notória em certos quadros e desenhos datados ainda deste ano de 1981, o ano da sua morte.

Podemos dizer que à Bienal do «Avante!» não falta juventude, audácia, talento.

E desta vez — sublinhem-lo — não se trata apenas de artistas das grandes cidades. A par de pintores, de escultores com obra feita e conhecida via-se bem a cara jovem, as formas novas, os novos materiais, a frescura de quem começa com gosto a inovar, a trabalhar bem.



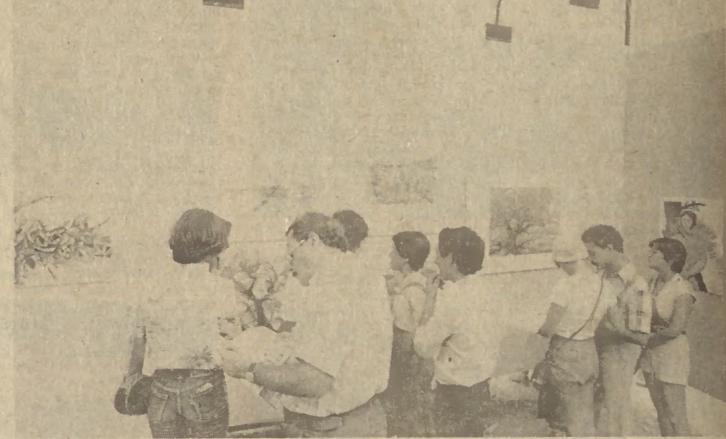
O povo na pintura da Bienal. Um aspecto da visita do camarada Álvaro Cunhal



Comentando



Iniciando a visita



Parte do percurso artístico de Dourado

Rádio e TV ao vivo

Quem já alguma vez assistiu à realização de um programa de Rádio ou de Televisão? Na Festa do «Avante!» só mesmo os distraídos perderam essa oportunidade, pois uma equipa de profissionais desses dois importantes meios de comunicação social trabalhou durante os três dias num Estúdio de Rádio e TV, mostrando como se faz a música, o espectáculo, o debate que diariamente nos entra em casa com o simples acção de um botão.

Mostrou-se como se faz e também — sobretudo — a quem servem esses meios de comunicação, os problemas que de frontam, o importante papel que podem desempenhar na formação do homem novo.

Ultrapassadas algumas dificuldades técnicas de última hora — a deficiente localização dos televisores, ao sol, impediu por algumas horas uma boa visibilidade — o largo número de visitantes do Estúdio acompanhou com interesse o programa anunciado para os três dias e integralmente cumprido.

Como era de se esperar, a transmissão em vídeo-cassete do Festival de Woodstock, no sábado e no domingo de manhã, atraiu sobretudo a atenção dos jovens que invadiram literalmente o recinto fronteiro ao Estúdio.

Mas também os noticiários, a Telefesta, os desenhos animados foram tema de interesse. E quantos não se socorrem do painel de programação da Festa para fazer a sua opção?

Mas o que verdadeiramente suscitou o interesse geral foram as gravações ao vivo. Enquanto dentro do estúdio, bem à vista do público, os participantes nos debates falavam de telenovelas, publicidade e TV, espectáculos e música, informação, ou a Paz, os meios técnicos e a comunicação social, nos pequenos ecrãs surgiam as imagens do estúdio ou da assistência, graças ao trabalho dos técnicos com as pequenas maravilhas da própria técnica.

Como se faz um programa de rádio, ao vivo, foi igualmente uma lição didáctica para os visitantes da Festa que por lá passaram, enriquecendo os seus conhecimentos com esse vasto mundo dos meios de comunicação vistos por dentro. Para todos tornou-se então mais claro o poder de comunicar, a importância da boa utilização dos meios, a grandeza do trabalho anónimo de quantos tornam possível o funcionamento de tais meios de comunicação.

Saber que se pode ir ainda mais longe, que malgrado o longo percurso conquistado pelo esforço criador do homem neste domínio diariamente se avança mais e mais, continua a ser hoje como há muitos anos atrás um pensamento fascinante.

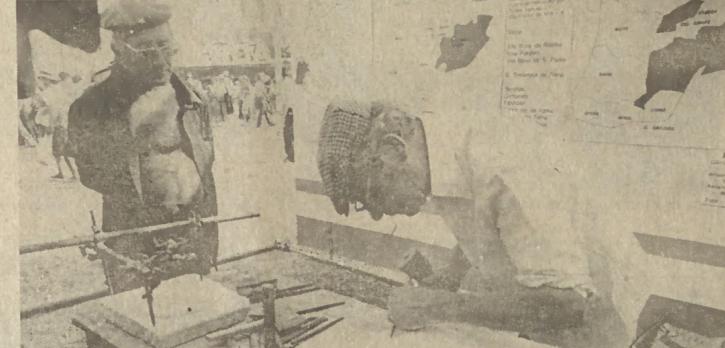


No estúdio de rádio e TV: pequena amostra do que os comunistas poderão fazer ao serviço dos trabalhadores nos grandes meios de comunicação social



Boa presença do teatro

Como já sucedera no ano passado, o teatro marcou boa presença na Festa. Desde os pequenos palcos, até ao auditório central actuaram vários grupos conhecidos e apreciados, bem como actores profissionais. Alguns deles, (Mário Pereira teve uma actuação destacável nesse campo) foram desde a apresentação de conjuntos, como o primeiro espectáculo de Gisela May, até à participação na «Cegada» do Grupo Cénico do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio. Esse e outros grupos, como o de Campolide, viveram a Festa e ajudaram a fazê-la viver a muitos milhares de pessoas que gostam de teatro, que o consideram o espectáculo por excelência e, sempre que podem não perdem, por breve que seja, uma récita, um episódio, uma representação teatral



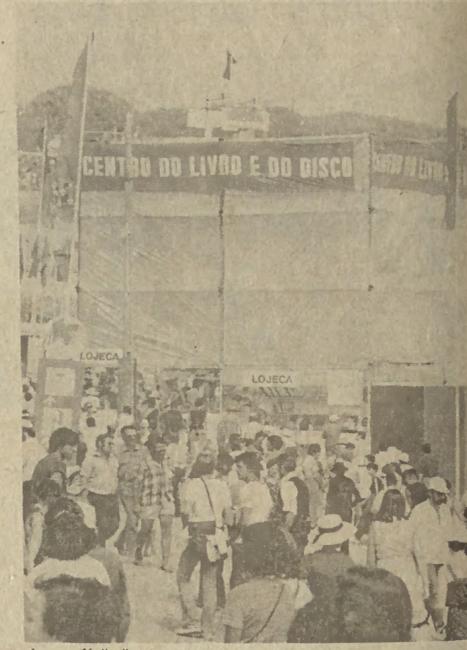
Com escopro e cinzel

Trabalhar a pedra e mesmo os metais, por artífices talentosos («artistas», como dantes se dizia de todos os artesãos) não é «mostra» nova na Festa do «Avante!». De novo este ano, de blocos sem forma saíram objectos altamente disputados, dada a estima em que são tidas as criações populares. Na imagem um dos homens que ainda sabe usar um escopro e um cinzel na era das «tecnologias de ponta», da produção em série, da banalização

Centro do Livro — outro espaço mais gente

Uma disposição do espaço bem concebida que deve ter facilitado o encontro livro-leitor, nada fácil como se sabe, foi uma das características que ajudou a juntar naquela zona da Festa uma multidão permanente. E eram mais os que saíam com livros, discos, álbuns do que os que vinham de mãos a abanar. O produto não é barato, como se sabe também, mesmo na Festa. Apesar dos preços especiais de muito do material que lá estava, a escolha nem sempre era fácil. Não a escolha dos títulos, mas a dos preços.

drigues, Orlando da Costa e outros escritores e artistas conhecidos e estimados participaram em sessões de autógrafos. Na Loja que já no ano passado funcionou junto do Centro só havia um inconveniente, que parece ter sido comum a toda a Festa: tudo se esgotava e rapidamente. Recordações várias, o «cubo», muito procurado — tudo desaparecia. Por um momento o bom humor descaía. O «então já não há» era vulgar e desfazia um sorriso aqui outro acolá.



Acesso fácil, directo



Um espaço novo, melhor ordenado

Cinema africano sempre à cunha

Num recinto pequeno sempre à cunha, perto do estúdio de rádio e TV na zona do auditório central, exibiam-se filmes. A curiosidade justificava-se. Pela primeira vez, se fazia em Por-

cinastas das Repúblicas Populares de Angola e Moçambique e também portuguesas sobre temas africanos.

com elementos para a história das cinematografias africanas de Angola, Moçambique, Guiné e Cabo Verde.

ma de Angola e de Moçambique, das Embaixadas de Cabo Verde e Guiné-Bissau, da Cinequipa, de Guilherme Ismael e de Victor Silva Tavares.

deira de Domingos Xavier", de Luandino Vieira.

ou descrevê-la, é tão válido como exaltar o camponês ou o operário".



Cinema africano, cinema de libertação

A mostra foi acompanhada de uma exposição alusiva ao que se faz em Angola, Moçambique e outros países africanos de língua portuguesa, em matéria de cinema, e pela publicação de uma interessante brochura

A publicação, da responsabilidade da célula de cinema do PCP, tem capa de José Rodrigues, coordenação de Manuel Costa e Silva e arranjo gráfico de Daniel Dias. A célula agradece várias colaborações, designadamente dos Institutos de cine-

A exposição no exterior do recinto da mostra, além de cartazes de filmes africanos, incluía ilustrações de António Ole (cineasta e pintor angolano presente na Festa) para «A Vida Verda-

de um elemento do povo. / Esquecer preconceitos e ultrapassar a classe. / Caricaturar a pequena burguesia.

significa compreender o povo tal como ele é definido. / Ser um elemento do povo. / Esquecer preconceitos e ultrapassar a classe. / Caricaturar a pequena burguesia.



Durante a rodagem de um filme sobre a OPA (Organização dos Pioneiros de Angola)



Uma imagem de um documentário histórico da RPA

Avante!

Os stands das Organizações Regionais do Partido que todos os anos trazem Portugal à Festa do «Avante!» conquistaram desde 1976 (a primeira Festa) a simpatia e o interesse dos milhares de visitantes que acorreram à FIL, ao Jamor, à Ajuda.

O país na Festa

Pode dizer-se também que desde a primeira Festa se iniciou entre as Organizações Regionais um salutar despiques pelo melhor stand, o melhor serviço de bar ou restaurante, as mais genuínas especialidades de cada região.

O resultado disso tem vindo a traduzir-se de ano para ano numa melhoria notável da organização dos stands, na sua apresentação, na originalidade conseguida para a apresentação de realidades de cada zona que não sendo — nem podendo ser — sempre novas surgem no entanto de forma cada vez mais atractiva aos visitantes.

Este ano os stands políticos das Organizações Regionais apresentavam-se, de uma maneira geral, ricos de conteúdo e conteúdo bastante mais «ligados» devido ao recurso a excelentes fotografias como a mapas e gráficos de fácil leitura sobre os mais diversos assuntos.

Se este dado vale para praticamente todas as organizações, uma há no entanto que merece ser realçada — a Direcção da

Organização Regional do Alentejo (DORA).

Comentado e louvado em toda a Festa, o pavilhão político da DORA surpreendeu pela inesperada presença da água, o precioso líquido que tanto falta no Alentejo.

Que falta mas que poderia não faltar, como ali se explicava de forma clara, ilustrada com uma mini barragem, numa sugestão viva da Barragem do Alqueva, cujas obras estão paradas por decisão do Governo «AD».

Alqueva, a água que o Alentejo e o País podiam ter, contrastava de forma flagrante com a realidade crua da seca a que o Governo não soube dar resposta. E com a inoperância do Governo de direita contrasta flagrantemente a actividade incessante das autarquias democráticas, que só em investimentos para minorar os efeitos da seca já dispenderam mais de meio milhão de contos!

De tudo isto se falava no stand da DORA, a par com a nova realidade que se constrói no Alentejo, como a prática de

Ballet pelos filhos dos trabalhadores rurais, a implantação de infra-estruturas básicas em todos os concelhos, as escolas, os parques, os centros de convívio, o cinema, o teatro. Numa palavra, o progresso que o fascismo sempre negou às sacrificadas gentes do Alentejo, os frutos da gestão dos comunistas e seus aliados, não obstante todos os boicotes do aparelho central.

Mas havia mais. Havia a miniatura de um «monte», velhas alfaias com que ainda hoje se trabalha, lá onde os meios não chegam para acompanhar a técnica, a presença da cortiça — essa riqueza fácil a que os novos-velhos agrários pretendem abandonar de novo as terras. E também os testemunhos da luta heróica dos trabalhadores alentejanos, ontem como hoje, pelo direito ao trabalho e à terra que amam.

Um país em luta

Mas não só no Alentejo se defende o palmo a palmo as conquistas de Abril. Pode mesmo dizer-se que nalgumas zonas de tradicional implantação da reacção só agora se começa a sério, trazendo consigo a força do gigante adormecido de súbito desperto.

Do Minho, por exemplo, chegava-nos a mensagem de que do «Barroso ao Tua, do Marão ao Planalto Mirandês, amadurece a luta, amadurece a força organizada dos camponeses».

E das notícias da luta fica-nos a certeza de que «Abril é semente a germinar em Trás-os-Montes».

E na Beira Interior, na Beira Litoral, no Algarve, no Centro, em todo o lado onde existem dezenas de milhares de hectares de terra por cultivar e agricultores sem terra; onde os rendeiros continuam a sofrer as prepotências dos senhorios ricos; onde criminosos ateiam florestas perante a passividade do Governo entretido com as podridões internas; onde os operários defendem dia a dia o direito ao trabalho, o salário mais justo, o interesse nacional; onde a água falta por incuria e incapacidade governamental.

De tudo isto e muito mais davam conta os pavilhões políticos da Organização do Partido, a par de exemplos concretos da luta sem tréguas da classe operária e de cada vez mais amplas camadas do Povo português.

Bem como da organização crescente do Partido, pois quanto mais organizado está o Partido mais forte é a luta pela defesa da democracia. Aponte-se o exemplo do Porto, que apresentava já o saldo parcial da Campanha de Organização 81, com a criação de 148 novos organismos; 1800 elevações de cotas; 1100 entregas de cartões de militante que estavam em atraso; 2000 contactos com militantes desorganizados; 4 novos centros de trabalho; 956 novos militantes; 185 militantes a frequentarem cursos de formação política.

Ou ainda o trabalho das organizações dos Açores e Madeira, quer a nível nacional quer junto dos emigrantes, numa difícil mas incansável batalha pelo esclarecimento, pela organização política e implantação do Partido.

Não seria justo esquecer a Organização Regional de Lisboa, bem representada como sempre por todos os sectores de actividade e ainda, como «coroa de glória», com um magnífico monumento no topo da Festa, um símbolo à luta, à resistência, à vitória.

A confiança no futuro presente em toda a Festa e materializada lá em cima, bem no alto do Alto da Ajuda, na DORA, a dizer a cada visitante que o futuro é nosso!

60 anos de vida Ao serviço do povo e da Pátria

A exposição sobre o 60.º aniversário do PCP — 60 anos de luta ao serviço do Povo e da Pátria — foi um dos pontos de visita obrigatória da Festa do «Avante!».

Para muitos dos mais de cem mil que a haviam já visitado no Pavilhão dos Desportos, a Exposição teve o «sabor» bom do reencontro, a novidade das soluções encontradas na adaptação ao novo espaço e ao novo público, a comprovação de que uma vez mais era impossível apreciar tudo devidamente.

Para muitos, muitos outros, foi o espanto da primeira visita, a emoção da viagem através dos anos negros do fascismo, o consolidar do respeito e admiração pelos homens e mulheres que deram toda a sua vida à luta ao serviço do Povo e da Pátria.

Na praça fronteiria à exposição um monumento dedicado aos 60 anos do PCP «abria» a magnífica amostragem de dezenas de anos de luta heróica do Partido da classe operária contra o fascismo. Assente numa sólida base — como sólida sempre foi a base do PCP no povo português — o monumento elevava-se no espaço, numa sugestiva imagem de progresso, de futuro, do chegar cada vez mais longe. As bandeiras que o rodeavam, os efeitos decorati-

vos, a iluminação, tornavam o local realmente belo num convívio sem palavras ao convívio e à fraternidade.

Subir a rampa que dava acesso à exposição tornava-se então quase uma exigência, tal como a paragem no varandim de entrada para apreciar por breves momentos — havia sempre gente à espera — o luminoso espectáculo que era toda a Festa.

Lá dentro era a grande lição de História. Ainda melhor conseguida do que no Pavilhão dos Desportos, na opinião de muitos, a exposição ganhou na Ajuda uma nova dimensão, quer pelo ainda mais diversificado público que ali a visitou, quer pelas soluções técnicas e artísticas com que foi enriquecida no seu novo redimensionamento.

Para os que a visitaram pela primeira vez, à admiração por esta impressionante mostra documental da vida do Partido e do Povo português juntava-se, num espanto impossível de calar, a perplexidade de como tinha sido possível realizá-la anteriormente no velho Pavilhão dos Desportos, ainda que de forma diversa. E eram os mesmos que respondendo a si próprios concluíam que a capacidade criadora do nosso povo tem



nos comunistas e seus aliados a sua melhor expressão.

É claro que uma vez mais não foi possível analisar em pormenor toda a vasta documentação exposta, pois como uma sensata mãe de família fez ver a um dos seus «rebetos», se ele pretendia ler tudo pouco ou nada veria da Festa.

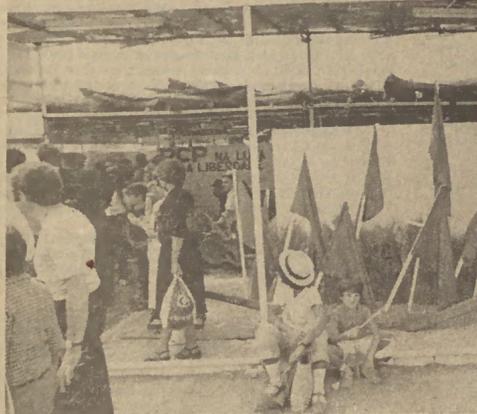
E uma vez mais, também, ali se lamentou que todo aquele trabalho tivesse a breve vida de três dias, que tudo tivesse de ser agora desmontado, peça a peça, até à oportunidade de encontrar um local digno de guardar para as gerações vindouras a memória de um passado de luta, de firmeza e de confiança que é preciso não esquecer.



As quatro fotos falam-vos da exposição sobre o 60.º aniversário do Partido, que há meses esteve patente no Pavilhão dos Desportos, onde foi vista por cerca de 100 mil pessoas. Nos três dias da Ajuda dezenas de milhares de visitantes a percorreram de novo



Na imagem de cima e nas de baixo, aspectos de alguns dos pavilhões das organizações regionais que, de norte a sul, sem esquecer as regiões autónomas e a emigração, transplantaram episodicamente o «país real» para as encostas de Monsanto — uma prova eloquente do enraizamento do Partido no todo nacional



A voz que não se calou

Como se faz o «Avante!», como é distribuído, como tem evoluído graficamente, foram alguns dos temas presentes na exposição comemorativa do 50.º aniversário do Órgão Central do PCP patente na Festa, num stand próprio na zona central.

Seqüência da exposição realizada no Pavilhão dos Desportos, onde o «Avante!» clandestino fora amplamente representado, esta exposição dedicava maior relevo ao «Avante!» legal, numa sucessão de painéis elucidativa da sua presença constante na luta em defesa da democracia e dos interesses dos trabalhadores e do povo português em geral.

Voz que o fascismo não conseguiu calar, o «Avante!» ocupa nos nossos dias

um lugar de destaque na Imprensa operária, sempre na vanguarda da luta pelo direito à liberdade de expressão, pela democracia, pelo socialismo.

Por isso na exposição comemorativa do seu meio século de existência se recordou também a imprensa operária portuguesa desde os fins do século XIX até ao derrube do fascismo, a imprensa sindical — que todos os meses coloca nas mãos dos trabalhadores milhões de exemplares — e ainda os jornais dos partidos comunistas e operários de todo o mundo que desde o século passado têm contribuído de forma decisiva para o desenvolvimento e amadurecimento do movimento operário.



Uma velha bicicleta que serviu, há muitos anos, para distribuir o «Avante!» clandestino: um elemento aparentemente insólito numa exposição feita de coisas vivas

O esclarecimento presente na Festa

Se a cultura e o desporto, o convívio e o divertimento têm na Festa do «Avante!» um lugar de destaque que a tornam o maior acontecimento do género que anualmente se realiza em Portugal, não é menos verdade que do ponto de vista político a Festa constitui uma oportunidade única de participar na discussão e no debate dos mais variados temas de interesse nacional e internacional.

Prosseguindo uma actualização que lhe é própria, o PCP, através dos seus dirigentes, proporcionou aos visitantes da Festa numerosos colóquios em que se procurou esclarecer detalhadamente a sua política, objectivo tanto mais importante quando se torna cada vez mais evidente a incapacidade da «AD» para governar o país e a necessidade de uma alternativa democrática.

Assim, nos três dias da Festa, nos auditórios central, da DORA, da Juventude ou

no palco das árvores, milhares de pessoas ouviram falar ou falaram entre outras coisas sobre os problemas do sector público e nacionalizado, sobre a habitação, o custo de vida, o desemprego e contratação a prazo, sobre as autarquias, sobre a luta de massas e a alternativa democrática para o Governo «AD».

A paz e as armas nucleares foram outros dois temas que despertaram o interesse dos visitantes, bem como os encontros com os escritores, nacionais e estrangeiros, e ainda o colóquio sobre o cinema de Cabo Verde, uma das novidades deste ano da Festa.

No auditório central da Festa, junto da zona central de exposições, camaradas membros da Comissão Política do CC do PCP responderam a questões postas, esclareceram dúvidas, trocaram opiniões com uma vasta audiência sempre renovada, sobre a política dos

comunistas na defesa da democracia e do socialismo. Aliando o esclarecimento à diversão, os que aproveitaram bem a Festa do «Avante!» ficaram certamente

mais ricos, mais fortes para prosseguir a luta contra o obscurantismo e as campanhas de desinformação das forças de direita. Mais fortes para prosse-

guir na luta nas empresas, nos escritórios, nos campos, nas escolas, em todo o lado na defesa dos ideais de Abril, pela paz e pela justiça social.

EP's premiadas no 3.º sorteio

Conforme estava anunciado, o 3.º sorteio das EP's realizou-se durante a Festa, mais precisamente no domingo, às 16 e 30, no palco da DORA/DORP. Os resultados apurados foram os seguintes:

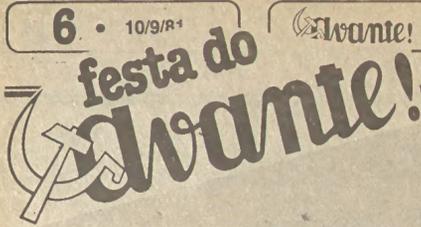
1.º	2 Viagens à União Soviética	141186
2.º	1 Televisão a cores	238092
3.º	1 Tenda de 2 quartos	201714
4.º	1 Bicicleta para adulto	200307
5.º	1 Saco de dormir	050177
6.º	1 Moínho de café	98813
7.º	1 Balança de casa de banho	159149
8.º	1 Biblioteca da Caminho no valor de 1000\$00	102988
9.º	1 Biblioteca do Avante no valor de 1000\$00	239628
10.º	1 Biblioteca da Caminho no valor de 1000\$00	033977
11.º	1 Biblioteca do Avante no valor de 1000\$00	046025
12.º	Assinatura da Revista Mulheres	153436
13.º	Assinatura da Revista O Professor	206983
14.º	Assinatura da Revista Poder Local	030031
15.º	Assinatura da Revista Prisma	003917
16.º	Assinatura da Revista Internacional	109673
17.º	Assinatura da Revista Economia	015092
18.º	Livros da C.D.L. no valor de 500\$00	015094
19.º	Livros da C.D.L. no valor de 500\$00	210553
20.º	Livros da C.D.L. no valor de 500\$00	77082
21.º	Livros da C.D.L. no valor de 500\$00	152426
22.º	Livros da C.D.L. no valor de 500\$00	152153
23.º	Livros da C.D.L. no valor de 500\$00	238905
24.º	Livros da C.D.L. no valor de 500\$00	174258
25.º	Livros da C.D.L. no valor de 500\$00	112162

Sorteio

São os seguintes os números premiados no sorteio da «carroça saloia» realizado no último dia da Festa pelos camaradas de Loures: 1.º-5502; 2.º-5599; 3.º-7181. Os prémios são géneros alimentícios.

Perdidos e achados

Os visitantes da Festa do «Avante!» que perderam quaisquer objectos no recinto (porta-chaves, documentos, lenços, etc.) devem dirigir-se ao Centro de Trabalho Vitória, na Avenida da Liberdade, em Lisboa.



Álvaro Cunhal — «A luta dos trabalhadores e das massas populares»

Camaradas:
Aqui estamos confraternizando na alegria imensa de termos vencido numerosos obstáculos e termos realizado uma vez mais a Festa do nosso «Avante!», reconhecida demonstração do papel do PCP no Portugal democrático em que vivemos.

Ainda não acabámos a Festa de 1981 e já pensamos na Festa de 1982.

Porque, ano após ano, a reacção procura privar-nos de uma condição básica para a realização da Festa: um terreno onde possa realizar-se.

Desbravámos o matagal do Jamor. Despedregámos e terraplanámos a encosta bravia deste Alto da Ajuda. Urbanizámos, construímos infra-estruturas, investimos recursos materiais e recursos humanos. A realização da Festa do «Avante!» tem tido manifesto significado nacional que qualquer Câmara digna dum país democrático teria a obrigação de nos garantir desde já o terreno para os anos próximos. Mas a Câmara «AD» já anuncia que para o ano não nos cederá o terreno.

Uma tal decisão é uma ofensa ao nosso povo, um atentado contra a cultura, a alegria e a liberdade.

Mas que não se iluda a reacção. A realização da Festa do «Avante!» já não é apenas a causa dos comunistas. É a causa dos trabalhadores, dos democratas, do povo de Portugal.

Por isso ao terminarmos a Festa de 1981, desde já queremos afirmar que defrontaremos e venceremos os obstáculos que venhamos a encontrar por diante e que a Festa de 1982, com o apoio das massas, será também realizada.

Uma grande afirmação popular e nacional

A Festa do «Avante!» é um espelho da nova e exaltante realidade portuguesa criada pela revolução e que as forças reacçãoárias instaladas no governo procuram destruir.

A nossa Festa é uma eloquente afirmação do imenso valor da liberdade conquistada com o 25 de Abril e das potencialidades criadoras do povo que dela se desprendem.

Por toda a Festa irradia a presença viva das grandes conquistas da revolução, (reforma agrária, nacionalizações, realizações das autarquias democráticas) e da contribuição dos trabalhadores e do seu Partido para a construção do regime democrático.

A Festa do «Avante!» é uma grande Festa do nosso Partido. E é também a grande Festa do Portugal de Abril.

A Festa do «Avante!» é a mais extraordinária, a mais rica, a mais diversificada realização cultural de massas jamais realizada no nosso país. A exposição do 60.º Aniversário do nosso Partido. A Bial de Artes Plásticas. A música, o canto, a poesia e a dança. A concepção estética da própria Festa, as suas decorações, os seus painéis, a sua luz. Todo este entusiasmante espectáculo de beleza, que perdurará na memória de todos que aqui vieram muitos anos para além dos três efémeros dias que a Festa dura.

A Festa do «Avante!» é uma fiel e exaltante tradução pelo nosso Partido dos sentimentos, das aspirações, dos objectivos, da capacidade da classe operária e dos trabalhadores, profundamente identificados com a sua vanguarda. Na Festa aparecem os problemas vivos do povo português, o trabalho realizado, os projectos, os planos, as soluções apresentadas pelos trabalhadores e pelo seu Partido para os grandes problemas nacionais, regionais e locais, tendo sempre como fito o bem-estar e a felicidade dos portugueses.

A Festa do «Avante!» é ainda a gigantesca arena do mais grandioso convívio e confraternização populares, de sã alegria, do amor à vida, das elevadas relações humanas, dos sentimentos de respeito e afecto recíproco que geram os ideais dos comunistas. Quem veio à Festa saiu certamente dela mais rico, de ideais e de sentimentos, mais confiante no povo português e mais confiante na Humanidade.

A Festa do «Avante!» é finalmente uma poderosa expressão da organização, da militância, do trabalho, da luta, da capacidade de realização criativa do nosso Partido e da sua entranhável ligação com a classe operária e as massas populares.

Não somos só nós que o afirmamos. Todos os portugueses que vieram à Festa, seja qual for o quadrante político a que pertencem, têm plena consciência de que em Portugal existe um único partido capaz de levar a cabo um tal empreendimento: o Partido Comunista Português.

Esta Festa é obra dum imenso colectivo de homens, de mulheres, de jovens, concentrando as suas energias e o seu entusiasmo numa realização que, para a duração de 3 dias, parece à partida muito superior às suas forças.

A Festa é uma demonstração de que não há obra alguma que os comunistas, apoiados pelos trabalhadores, não sejam capazes de realizar.

A Festa do «Avante!» é um testemunho da identificação dos interesses e aspirações dos trabalhadores e do seu Partido com os interesses do povo inteiro, com os interesses da pátria portuguesa.

É uma vigorosa afirmação popular e nacional, uma realização impregnada de amor pelo povo português e pela pátria portuguesa.

Uma afirmação internacionalista

Vibrante expressão do patriotismo, a Festa do «Avante!» é também uma grande afirmação internacionalista.

A presença nesta Festa de tantos convidados de outros países é uma vibrante manifestação de solidariedade para com o nosso Partido, para com o nosso povo, para com a revolução portuguesa.

A todos expressamos a nossa profunda e fraternal gratidão.

Mas o convite que lhes foi feito é também, nas nossas ideias e nos nossos corações, a expressão da nossa solidariedade activa para com os jornais, os partidos e os povos aqui representados.

Trouxestes ao nosso Partido e ao nosso povo o vosso apoio fraternal. Permitti também que, por vosso intermédio, o PCP envie uma mensagem solidária aos vossos respectivos povos e partidos.

Pedimos aos camaradas de Angola que, de volta ao seu país, transmitam o inteiro apoio dos comunistas portugueses à sua luta contra a criminosa agressão, invasão militar e ocupação dos racistas sul-africanos, apoiados pela política belicista da administração Reagan.

Expressando ao mesmo tempo o nosso apoio à luta do povo da Namíbia e ao SWAPO, ao povo sul-africano, ao Congresso Nacional Africano e ao PC Sul-Africano, do qual uma delegação nos visitará na próxima semana, exigimos do governo português que cesse as actividades antiangolanas em território português e que cesse completamente os fornecimentos de armas portuguesas aos racistas sul-africanos.

Pedimos aos camaradas de Moçambique que de volta ao seu país transmitam o inteiro apoio dos comunistas portugueses à luta contra as agressões dos racistas sul-africanos e à construção de uma sociedade socialista.

Pedimos aos camaradas de S. Tomé e Príncipe, da Guiné-Bissau e de Cabo Verde que transmitam a solidariedade dos comunistas portugueses para com a luta pela edificação nas suas pátrias de sociedades orientadas pelos ideais do progresso social e da libertação da exploração do homem pelo homem.

Pedimos aos camaradas de Timor-Leste que transmitam a solidariedade dos comunistas portugueses para com a luta contra a ocupação indonésia e pela autodeterminação e independência da sua pátria.

Pedimos aos camaradas da Etiópia que transmitam a solidariedade dos comunistas portugueses na obra de edificação de uma sociedade orientada para o socialismo.

Pedimos aos camaradas da Síria, da Argélia, da Jamaica (Libia), da Palestina, do Sarah Ocidental, que transmitam a solidariedade dos comunistas portugueses para com a luta contra as agressões sionistas e imperialistas, para com a luta do povo palestino pelo reconhecimento dos seus direitos nacionais inalienáveis.

Pedimos aos camaradas do Chile que transmitam a solidariedade dos comunistas portugueses para com a sua luta para pôr fim à cruel ditadura fascista, tomando extensiva esta saudação a todos os outros povos da América Latina não representados na nossa Festa, ao povo da Nicarágua revolucionária, aos povos de El Salvador, Guatemala e Haiti, a todos os que lutam contra ditaduras fascistas e reacçãoárias.

Pedimos aos camaradas da França que transmitam a saudação do PCP pela vitória democrática alcançada em França com a queda do governo de direita, e pela participação do PCF no governo, mostrando bem que, na Europa ocidental e mesmo no quadro da Aliança Atlântica, quando um país o decide com independência, não é o imperialismo americano que está em condições de ditar a exclusão dos comunistas do governo respectivo.

Pedimos aos camaradas da Itália, da Grécia, da Espanha, da RFA, da Finlândia, da Suíça, de Berlim Oeste que transmitam a solidariedade dos comunistas portugueses para com a sua luta em defesa dos interesses das massas trabalhadoras, da democracia e da independência nacional, por profundas transformações económicas e sociais que abram caminho para o socialismo.

Pedimos aos camaradas da Turquia que transmitam a solidariedade dos comunistas portugueses para com a sua luta contra a cruel ditadura militar.

Pedimos finalmente aos camaradas da União Soviética, da RDA, da Bulgária, da Checoslováquia, da Hungria, da Roménia, da Polónia, da Jugoslávia, de Cuba, da Mongólia, da Coreia, que transmitam a solidariedade dos comunistas portugueses para com os países socialistas, porque o nosso Partido sabe bem que, não só o exemplo e as experiências da construção do socialismo e do comunismo, mas as realizações, a política, a solidariedade da URSS e dos outros países socialistas, constituem um factor decisivo para a derrota do imperialismo, para a vitória da luta emancipadora dos trabalhadores e dos povos, para a defesa da paz mundial.

Saudando as delegações estrangeiras que vieram participar na nossa Festa, não esqueçamos os ausentes, a muitos dos quais nos ligam relações de estreita amizade e solidariedade recíproca e cuja luta de longe saudamos fraternalmente.

Neste momento estão também na nossa lembrança e no nosso coração os partidos irmãos e os povos do Vietnam, do Laos, do Kampuchea, que fazem frente ao imperialismo e aos seus aliados de Pequim. Os partidos e os povos do Iemen do Sul e do Líbano.

A revolução do Afeganistão. A luta do povo e das forças revolucionárias do Irão. A luta de todos os partidos irmãos, dos trabalhadores e dos povos de todo o mundo.

O processo revolucionário mundial, embora com desenvolvimentos nacionais diferenciados, é um processo único em que estão comumente empenhados os países socialistas, os países progressistas, o movimento operário dos países capitalistas, o movimento de libertação nacional e numerosas outras forças progressistas.

As relações de solidariedade internacionalista, a cooperação, as acções comuns e a unidade das forças revolucionárias, são tanto mais necessárias, quanto assistimos no momento actual a uma séria tentativa do imperialismo norte-americano para utilizar a força, a violência, a agressão, o terrorismo, a chantagem nuclear para impedir o prosseguimento do avanço vitorioso da luta dos trabalhadores e dos povos, na via da liberdade, da democracia, da independência nacional, do socialismo e do comunismo.

A acção comum contra a corrida aos armamentos, contra a instalação de novos mísseis americanos na Europa, contra a construção da bomba de neutrões, pela negociação, o desanuviamento, a cooperação e a paz é uma grande tarefa em que todos estamos empenhados.

O nosso Partido prossegue e prosseguirá firmemente orientando as suas posições externas pelos princípios do internacionalismo proletário, que não só correspondem inteiramente aos nossos deveres para com os trabalhadores e os povos dos outros países, como correspondem também inteiramente aos sentimentos e objectivos da classe operária e do povo trabalhador de Portugal e aos nossos interesses nacionais.

Previamente alguns críticos que as posições internacionalistas enfraqueceriam a organização e a influência do nosso Partido.

A experiência mostra o contrário.

Associado a uma política patriótica, o internacionalismo proletário tem sido um poderoso factor da influência, do prestígio e do reforço orgânico do PCP.

Esta própria Festa e este próprio comício, são disso claros testemunhos.

O novo governo «AD» não soluciona a crise

Tratando das questões internas do nosso país nos últimos meses, toda a gente falou da crise. Mas de que crise se trata? É necessário distinguir com clareza a natureza da crise.

Do que se falou e fala mais foi da crise da «AD» e da crise do governo «AD».

Nas mãos da reacção, os meios de comunicação social fizeram um esforço gigantesco para procurarem demonstrar que a crise foi, no fim de contas, apenas um problema de divergências internas da «AD» e que essas divergências é que estariam na origem da crise do governo. Ultrapassadas as divergências com a formação do novo governo «AD», a crise estaria ultrapassada.

A verdade é porém bem diferente.

A crise da «AD» e a crise do governo «AD» têm causas profundas: são consequência directa, (que era previsível e que foi prevista pelo PCP) da crise económica, social e política resultante da actuação da «AD» no governo e na Assembleia da República e da vastíssima e firme resistência dos trabalhadores e das massas populares.

Sendo assim, o que representa a formação do novo governo para a superação da crise?

Representa sem dúvida uma solução, embora conjuntural e precária, da crise do governo.

Representa uma solução, embora frágil e conjuntural, da crise interna da «AD».

Mas a formação do novo governo não soluciona, em nenhum aspecto, antes agravará dentro de um curto espaço

de tempo, a crise económica, social e política, que atinge gravemente o nível de vida do nosso povo, a situação económica do país, o regime democrático, a independência nacional e a segurança e a tranquilidade dos portugueses.

A luta dos trabalhadores e das massas populares irá inevitavelmente intensificar-se.

E é por isso que não demorará muito que não rebentem de novo conflitos internos na «AD» e no governo «AD».

Não demorará muito que os Freitas não se volte contra o Balsemão e os Sicranos contra os Beltranos, dando de novo o espectáculo dos dirigentes da «AD» a insultarem-se, a golpear-se, a ofenderem-se, a achalham-se, num espectáculo degradante para os partidos respectivos e vergonhoso para a democracia portuguesa — num espectáculo que por si só, teria plenamente legitimado que a «AD» fosse definitivamente posta fora do governo.

A formação do novo governo «AD» adia uma solução democrática para a crise. Mas não a dispensa nem dispensará.

Não tardará muito, que o novo fracasso da política do governo «AD», o agravamento de todos os problemas nacionais e a luta do povo português não voltem a provocar nova crise na «AD» e no seu governo. Não tardará muito que não voltem a colocar-se os problemas que agora exigiram e exigirão no futuro o afastamento da «AD» do governo e uma saída democrática para a crise económica, social e política provocada pela política e a actuação dos partidos reacçãoários nos órgãos do poder.

A situação irá agravar-se ainda mais

Dentro de dias, o novo governo apresentará o seu Programa à Assembleia da República.

Não precisamos de conhecer o programa do novo governo «AD» para sabermos o que vai ser e quais serão as suas consequências.

Balsemão aliás já o anunciou no discurso de posse: serão novos sacrifícios para os portugueses.

O novo governo «AD» será, como o governo «AD» anterior, um governo inteiramente ao serviço dos grandes capitalistas, dos grandes proprietários, dos grandes especuladores.

Será, como o governo anterior, um governo ao serviço do imperialismo.

Será, como o governo anterior, um governo antipopular, antidemocrático e antinacional.

Será, como o governo anterior, um governo cujo plano fundamental é restaurar o capitalismo monopolista e destruir o regime democrático.

A entrada para ministro das Finanças e do Plano de um antigo membro dos governos fascistas e zeloso funcionário dos Melhos da CUF define por si só todo um programa.

Deste governo apenas há a esperar novas decisões contra o povo trabalhador, contra os interesses do país, contra a democracia portuguesa.

Há que esperar a entrega de recursos públicos aos grandes capitalistas, aos apañados, aos carreiristas e os cortes de verbas para tudo quanto respeita ao bem-estar, à saúde, à educação e à cultura do povo português.

Há a esperar a intensificação da exploração dos trabalhadores, novas diminuições dos salários reais, novos aumentos de preços, novo agravamento brutal do custo de vida, novas ondas de despedimentos, novas tentativas para impor uma legislação laboral fascizante relativa à contratação colectiva, aos contratos a prazo, aos despedimentos, às liberdades sindicais, ao direito de associação, ao direito à greve.

Há que esperar a assistência médica para os ricos e a doença e a morte para os que não têm recursos para comprar a saúde.

Há a esperar uma ofensiva inconstitucional e ilegal, ainda mais brutal e criminosa contra as grandes conquistas do povo português (designadamente as nacionalizações, a reforma agrária, os direitos dos trabalhadores) conquistas consagradas na Constituição, que constituem parte integrante do regime democrático, que são a base indispensável do progresso económico e do bem-estar geral e das quais são inseparáveis as liberdades e os direitos dos cidadãos.

Há a esperar o agravamento das discriminações e da exploração das mulheres, e do desprezo pelos seus problemas específicos, as discriminações contra a juventude, o aumento do desemprego juvenil, as limitações crescentes ao acesso às escolas.

Há a esperar uma situação ainda mais negra para os reformados e para os deficientes.

Há a esperar a continuação de uma ruínosa política que provoca a queda da produção agrícola e a importação crescente dos produtos agrícolas e que sacrifica inteiramente a agricultura nacional e os interesses dos agricultores, do que é seguro indicio o desaparecimento do Ministério da Agricultura e a colocação da agricultura na dependência do ministro do Comércio.

Há a esperar os preços dos produtos agrícolas cada vez menos compensadores para o produtor e cada vez mais incompensáveis para o consumidor, a subida dos preços das rações, do gásóleo, dos adubos e outros chamados «factores de produção», a mascarada dos créditos bonificados, o desprezo pelos efeitos da seca, dos incêndios das florestas, das epifitias, o desmantelamento e a entrega aos capitalistas, às multinacionais (como sucedeu com o EPAC e outros termos está a suceder com a JNV e a JNPP) de organismos estatais a quem caberá assegurar a defesa dos interesses da agricultura e dos agricultores.

Há a esperar a intensificação de uma política de obscurantismo e de perseguições aos valores culturais, com a tentativa de proletarianização e instrumentalização dos intelectuais e quadros técnicos.

Há a esperar novas dificuldades para os pequenos e médios comerciantes e industriais e, em geral, para todas as classes e camadas antimonopolistas.

Há a esperar a intensificação de uma política repressiva, com limitações das liberdades e direitos dos cidadãos.

Há a esperar a continuação de uma política externa cada vez mais subserviente em relação ao imperialismo norte-americano e à NATO, e a transformação de Portugal numa base da política belicista e provocatória da administração Reagan, a qual o governo «AD» estará disposto a ceder o território português para o alargamento das bases militares e a instalação de novos mísseis, pondo em perigo a segurança dos portugueses e a própria existência de Portugal.

Certeza absoluta que estas serão as desastrosas consequências da política e da actuação do novo governo «AD» conduz-nos à conclusão de que qualquer força política que se queira servir o povo e o país terá obrigatoriamente que se opor, não apenas ao governo uma vez formado, mas à sua própria formação.

Mário Soares e o PS defenderam e facilitaram a formação do novo governo «AD».

O PCP, uma vez mais nesta crise, reclamando que a «AD» fosse corrida do governo mostrou ser o mais consequente e firme defensor do povo, da democracia, da política portuguesa.

Os trabalhadores, o povo, os democratas uma vez mais tirarão destes factos as necessárias lições.

A «AD» retoma o plano subversivo e golpista de 1980

Não há apenas a esperar, com a formação do novo governo «AD», todos os males apontados como resultado certo de que será a sua política e actuação.

Há ainda a esperar que o governo retome, com as adaptações impostas pela nova conjuntura, o plano subversivo de liquidação do regime democrático desenvolvido ao longo de 1980 pelo governo Sá Carneiro F. do Amaral e que foi travado e impedido de consumar-se com a estrondosa derrota da «AD» nas eleições presidenciais de 7 de Dezembro.

Depois da derrota do general Soares Carneiro a «AD» teve que adaptar-se à derrota. Freitas do Amaral estava demasiado comprometido na guerra ao Presidente da República para poder nessa altura entrar no governo.

Um novo Primeiro-Ministro com maneiras mais polidas e dialogantes foi uma mudança de fachada, mas não uma mudança da política de fundo.

O PGP preveniu que, logo que as circunstâncias lho permitissem, a «AD» retomaria, com os retoques adequados, o plano subversivo derrotado em 1980.

É isso que se está a verificar.

O que vai fazer Freitas do Amaral para o Ministério da Defesa?

Freitas do Amaral perceberá alguma coisa de Direito Administrativo do Estado fascista pois era discípulo dilecto e continua docente de Marcelo Caetano. Mas nada percebe de Defesa Nacional e das Forças Armadas. O que vai fazer como ministro da Defesa?

Não tenhamos quaisquer dúvidas.

Será ministro da Defesa para tentar voltar as Forças Armadas contra o Conselho da Revolução e contra o Presidente da República.

Será ministro da Defesa para retomar as actividades de conspiração e subversão nas Forças Armadas tal como no tempo de Amaro da Costa.

Será ministro da Defesa para tentar preparar (com a reserva constitucional) a formação e instalação de uma nova hierarquia militar reacçãoária que seja o instrumento do golpe político da liquidação da democracia.

O que vai fazer Angelo Correia para o Ministério da Administração Interna?

Não sabemos se essa figura arrogante, incapaz, canalha, e ridícula sabe seja o que for: mas se vai para o Ministério da Administração Interna é apenas para tentar controlar o aparelho de Estado, controlar parcialmente a GNR e a PSP e tomar instrumentos da política repressiva, reacçãoária e subversiva do governo.

A revisão inconstitucional da Constituição representa, no novo contexto criado com a formação do novo governo «AD» ainda um perigo maior do que representou com o governo anterior.

A «AD» não tem os dois terços para eliminar da Constituição os artigos relativos às conquistas socioeconómicas da revolução portuguesa. Não tem para isso (assim o esperamos) os votos dos deputados socialistas. Mas (se olharmos os projectos de revisão do PS apoiado pela UEDS e pela ASDI) a não haver nova reflexão dos deputados socialistas, a «AD» dispõe, com os votos do PS, dos dois terços necessários para liquidar o Conselho da Revolução e libertar-se assim do veto por inconstitucionalidade das suas leis, e para retirar e passar para o governo poderes essenciais do Presidente da República como o de demissão do governo e de nomear os chefes militares.

Mantenha-se no governo e em maioria na Assembleia da República, imobilizar e fazer depois desaparecer o Conselho da Revolução, encostar à parede o Presidente da República, tirá-lo dos seus poderes essenciais, conseguir reinstaurar uma hierarquia militar fascizante — tais são os primeiros objectivos actuais do plano subversivo e golpista «AD» e do seu novo governo.

Ao mesmo tempo que insistirá para arrastar o PS à revisão da Constituição em matéria de organização económica e dos direitos dos cidadãos a «AD» considera que não precisará mais do que isso para levar por diante o seu plano subversivo e o seu verdadeiro golpe contra a democracia.

De momento, a situação existente nas Forças Armadas não permite à reacção levar por diante um golpe militar como se tem esperado. Mas o plano em curso não é menos perigoso.

Claro que as coisas não são fáceis para a «AD». Porém a «AD» é completamente incapaz de resolver os problemas e de certo em breve estalará nova crise no governo «AD» e na própria «AD». Porque a luta continua. Porque o povo lhe fará frente. Porque a classe operária e as massas se levantarão para a luta. Porque os democratas e as instituições tem força bastante para impedir que vá por diante esse plano sinistro. E também (e é aqui justo salientá-lo) porque existe em Portugal um grande partido com profundas raízes na classe operária e nas massas, um partido inteiramente dedicado ao povo e ao país, à democracia e à independência nacional, um partido forjado na luta, um partido que não capitula e que lutará inafatigavelmente até à vitória — o Partido Comunista Português.

Uma grande oportunidade perdida

A crise da «AD» e do seu governo criaram uma grande oportunidade para afastar a «AD» do governo e conduzir a uma solução democrática da crise.

Oportunidade semelhante surgiu logo após a derrota da «AD» nas eleições presidenciais de 7 de Dezembro.

Mas então, como noutros momentos cruciais em que poderiam em posição de superioridade derrotar definitivamente a reacção enfraquecida por sérios reveses, algumas forças democráticas e as instituições no seu funcionamento, remeteram-se a defensiva e permitiram à reacção recompor-se da derrota, reagrupar forças, retomar posições e relançar a ofensiva.

Se na crise actual o PS tivesse unido as suas forças ao PCP e a outros sectores democráticos estaria aberto o caminho para uma solução democrática.

Mas o que fez o PS e o seu secretário-geral Mário Soares?

Mário Soares, comandando o PS, tudo fez para que essa oportunidade não fosse aproveitada, para que se formasse novo governo «AD», para que se não abrissem possibilidades a uma alternativa democrática.

Ao mesmo tempo, outros órgãos de soberania, designadamente o Presidente da República e o Conselho da Revolução talvez não tenham medido devidamente os novos e vários perigos para a democracia que resultam de não se ter utilizado a fundo essa oportunidade.

Não passará muito tempo sem que os factos não venham a demonstrar esta nossa apreciação.

Mário Soares e outros dirigentes do PS defendem a falsa teoria do «desgaste» dos partidos que estão no governo.

Dizem esses socialistas que o novo governo «AD» não vai durar muito, que será questão de mais 4 ou 5 meses.

Mas se assim é, porque esperar mais 4 ou 5 meses? 4 ou 5 meses de imensas provocações e sofrimentos para o povo? Porque esperar para atirar abaixo o governo «AD» e encontrar finalmente uma saída democrática para a crise, quando isso poderia ter sido feito agora?

A verdade é que, tal como previmos, M. Soares e outros dirigentes do PS, atiraram à «AD» a bóia de salvação no preciso momento em que a «AD» começava a afundar-se.



«...eles irá inevitavelmente intensificar-se»

E agora, para o futuro?
Da nossa parte resistiremos (e estamos certos que conseguimos resistir) também numerosos outros democratas, incluídos socialistas) à política do novo governo. Da nossa parte tudo vamos para provocar nova crise do governo e nova crise da D.

Tudo faremos para que, ao surgir uma nova crise da «AD» do seu governo (e essa crise surgirá porque a «AD» não resolveu as massas se irá intensificar) essa nova oportunidade (que será não repetir-se se a compreensão, a decisão e a coragem não faltarem a muitos democratas e às instituições) seja aproveitada sem qualquer hesitação por todos os democratas e pelas instituições democráticas de forma a correr delimitadamente com a «AD» e a formar um governo democrático.

«AD» fora do governo!

Nós contestamos frontalmente a tese segundo a qual a «AD» tem legitimidade para governar 4 anos, por ter ganho a maioria de deputados nas eleições de 5 de Outubro.
Em primeiro lugar, o carácter democrático dessas eleições foi gravemente afectado pelo abuso do poder, pelas violações da legalidade, pela monopolização dos meios de comunicação social, pelo uso de milhões de contos dos dinheiros públicos para medidas demagógicas eleitoralistas por parte do governo «AD»/Sá Carneiro/F. do Amaral, que assim conseguiu impedir a expressão da verdadeira vontade política do povo português.

Em segundo lugar, dado que a «AD» conduziu toda a sua campanha nas eleições presidenciais identificando inteiramente a «AD» e com o governo «AD» o seu candidato Soares Carneiro, a derrota de Soares Carneiro e a vitória do general nes em 7 de Dezembro, com os votos de socialistas, comunistas e outros democratas e mesmo de eleitores que haviam votado na «AD» em 5 de Outubro, significou uma trágica derrota da «AD», e, em larga medida, uma rectificação dos resultados das eleições de 5 de Outubro.

Em terceiro lugar, não se pode reconhecer legitimidade para governar a um governo que viola diariamente a Constituição e a legalidade democrática, faz guerra a outros órgãos de soberania, arruína a economia, condena o povo à miséria, envidiava o país, desestabiliza as instituições, consigna as Forças Armadas e proclama a sua intenção deliberada de liquidar o regime democrático, no qual é governo.

Um regime capitula quando admite que se forme um governo cujo plano declarado e destruído. Admitir a legitimidade do «AD» a governar o país é entregar a democracia à subversão e à conspiração. Portugal democrático saído da revolução antifascista não pode aceitar ser governado por um governo antirevolucionário.

Não. Um tal governo não tem legitimidade para governar, absolutamente legítimo, legal e democrático que seja devido e no seu lugar seja colocado um outro governo, sem participação da «AD».

Aliás a «AD» vê restringir-se cada vez mais a sua base de apoio social, política e eleitoral.
O novo governo ficará no ar, porque a política da «AD» não pode ser em caso algum um suporte sólido de qualquer governo.

O governo «AD»/Balsemão foi rechaçado com muita força pelo CDS. Mas, quanto mais grossa é a rechaçada, mais será o estouro.

O governo «AD» não cairá automaticamente, como afirmam certos dirigentes do PS, por divisões internas. Cairá por vontade do povo. Cairá porque o obrigaremos a cair.

E por isso que a luta continua.
Quando o nosso Partido disse que o governo «AD»/Balsemão iria abaixo, respondiam que o governo duraria 4 anos. Mas não foi abaixo.

Lutemos com confiança, camaradas. E o novo governo «AD» do governo Balsemão/F. do Amaral, que acaba de ser formado, irá também abaixo e mais rapidamente do que muitos pensamos.

Necessidade de eleições antecipadas

Se insistir na necessidade e urgência de afastar a «AD» do governo e de se encontrar uma alternativa democrática, o PCP insiste também que todos os problemas nacionais, incluindo crise económica, social e política e a crise do governo dentro e devem ser resolvidos no quadro da Constituição, do regime democrático, das instituições.

É característico da situação portuguesa nos últimos anos e são as forças reaccionárias e os seus sucessivos governos que violam diá e sistematicamente a Constituição e a legalidade democrática e são os trabalhadores, são as massas populares em luta, são as organizações operárias, são os verdadeiros democratas e progressistas, e na primeira linha o Partido Comunista Português que respeitam escrupulosamente a Constituição e a legalidade e actuam rigorosamente no quadro do regime e das instituições.

São as forças reaccionárias e os seus sucessivos governos que desenvolvem a conspiração e a subversão e são as forças progressistas que defendem a ordem democrática.

Várias vezes declaramos não excluir que a demissão do governo e uma solução democrática para a crise pudesse ser encontrada sem a dissolução da Assembleia da República. Experiências dos anos passados mostraram já que isso é possível. Pensamos que, não sendo fácil, também não era impossível na situação concreta criada pela crise do governo e da «AD» dos últimos meses.

Mas, afastada tal possibilidade, uma outra possibilidade constitucional, legal, legítima e democrática, existiu e existe: a dissolução da Assembleia da República e a convocação de eleições no prazo de 90 dias.

Um dirigente do PS, defendendo a continuação de um governo «AD», afirmou que «se o governo se revelar incapaz de resolver minimamente os problemas do país, provocando uma crise generalizada, a temática da reclamação de eleições legislativas aparecerá inevitavelmente no vocabulário político» (9.81).

Este dirigente do PS está manifestamente navegando muito fora da realidade política nacional, pois admite como futuro o que já se verificou no passado.

Pois não é verdade que o governo «AD» se mostrou já incapaz de resolver minimamente os problemas do país? Não é verdade que provocou a contestação generalizada, incluindo em palavras) do próprio PS, e até, durante a crise, por tão amplos sectores da «AD» que o governo Balsemão perdeu o apoio na sua própria coligação?

Não é verdade que no decurso desta crise, de há muito o PCP aponta a realização de eleições antecipadas como uma saída normal e democrática, introduzindo assim no «vocabulário político» a perspectiva de eleições antecipadas? Mais dia menos dia a realização de eleições antecipadas virá a impor-se. E então, que não venham outros proclamarem que descobriram a solução democrática para a crise. Essa solução foi e é o PCP que a dá. E não só a indica como, coerentemente, luta para que ela tenha a ter lugar.

Mas nós insistimos em alguma coisa mais. Insistimos em

que, realizando-se eleições, deve estar no poder um governo (um governo de gestão) que assegure a sua democraticidade.

Consideramos extremamente perigosa a ideia defendida por alguns dirigentes do PS que afirmam que, no caso de eleições, deve estar no poder um governo «AD».

Que querem tais dirigentes?
Que se repita a acção antidemocrática do governo «AD» no processo eleitoral das legislativas de 1980? Que se repita a monopolização pela reacção da TV, da rádio, dos meios de comunicação social estatizados? Que se repitam as medidas demagógicas com a distribuição à última hora de alguns milhões de contos do Estado para enganar o eleitorado e arrebatar os votos? Que se repitam as ilegalidades e os escândalos no próprio processo eleitoral? Que seja assim de tal forma falseada a vontade política do povo português que as forças reaccionárias consigam de novo a maioria em eleições dignas dos tempos de Salazar e Caetano de que os actuais dirigentes da «AD» foram dilectos discípulos políticos?

Não. Nós defendemos que seja consultado o povo para decidir da saída da crise. Mas para o povo poder decidir democraticamente é essencial que no governo estejam, não os reaccionários da «AD» para os quais as palavras liberdade e democracia são apenas cobertura de um projecto fascista ou fascizante, mas democratas sinceros, portugueses sérios, respeitadores da Constituição, da legalidade, dos direitos e liberdades dos cidadãos, da igualdade dos partidos, da vontade real democraticamente expressa do povo português.

Existe uma política alternativa

O governo do PS sozinho, o governo PS-CDS, os chamados «governos de iniciativa presidencial», o governo «AD»/Sá Carneiro/F. do Amaral e o governo «AD»/Balsemão falharam estrofanamente na solução dos grandes problemas nacionais.

Falharam todos porque, embora com algumas diferenças, a sua política foi dominada pelo objectivo fundamental de destruir as grandes conquistas da revolução, de entregar de novo aos grandes capitalistas e grandes latifundiários as empresas e as terras que haviam sido justamente nacionalizadas e expropriadas, de condenar de novo o povo trabalhador à exploração e à miséria para que os grandes senhores possam de novo acumular capitais e reconstruir grandes fortunas.

A experiência de 6 anos de processo contra-revolucionário, mostrou que a política de recuperação capitalista, latifundista e imperialista, contrariando a vontade do povo e as novas realidades criadas pela revolução, não só não resolveu como agravou todos os problemas nacionais.

É entretanto inteiramente possível resolver esses problemas. É inteiramente possível sair da crise, empreender um rápido desenvolvimento económico, melhorar as condições de vida do povo.

De há muito o PCP indica, no concreto, qual a política capaz de fazer sair Portugal da crise em que os governos de recuperação capitalista o têm mergulhado.

Exactamente ao contrário do que tem sido a política dos governos da recuperação capitalista, a saída da crise económica é possível, não na base da destruição das grandes conquistas da revolução de Abril e do agravamento das condições de vida do povo mas na base da sua consolidação e prosseguimento. Na base do reforço dos sectores e empresas nacionalizadas, elemento dinamizador da economia. Na base da realização completa da mais bela conquista da revolução — a reforma agrária. Na base do melhoramento da situação económica das massas trabalhadoras. Na base do respeito pelos interesses e direitos dos pequenos e médios agricultores (proprietários e rendeiros). Na base do aproveitamento e mobilização dos recursos nacionais e da participação criativa dos trabalhadores.

A saída da crise política é possível, não na base das violações da Constituição e da legalidade democrática, do uso de métodos repressivos, das tentativas de desestabilização militar, mas na base da garantia plena das liberdades e direitos dos cidadãos. Na base da defesa firme da Constituição e das instituições, das competências e funcionamento democrático dos órgãos de soberania e da autonomia do poder local. Na base da recusa à partidarização e governamentalização das Forças Armadas. Na base da aplicação dos princípios democráticos nos meios de comunicação estatizados. Na base da anulação das medidas inconstitucionais de sucessivos governos, designadamente com a restituição às UCPS/Cooperativas (já em dezenas de casos decididos pelos tribunais) das terras, gados, máquinas, instalações e outros bens que lhes foram roubados, assim como com a restituição à gestão dos trabalhadores de fábricas e empresas de que foram ilegalmente esbulhados.

Os interesses nacionais, a independência nacional e a segurança de Portugal garantem-se, não com a política do governo «AD» de submissão ao imperialismo norte-americano e à NATO, mas com uma política externa de amizade e cooperação com todos os países e com a recusa a que Portugal se torne uma base de armas nucleares e de agressões imperialistas e neocolonialistas.

Dentro de dias entrarão no Tejo 20 navios de guerra da NATO que afectarão grandemente o tráfego normal do porto e provocarão prejuízos financeiros consideráveis.

O povo português está farto de manobras da NATO no território português, nas nossas costas e nas nossas águas, manobras que, como por acaso, se sucedem desde o 25 de Abril sempre que a reacção atravessa muros bocados.

O que Portugal necessita não é de intensificação da cooperação militar com as forças de guerra e de agressão, mas uma política de paz, a intensificação da cooperação pacífica com todos os povos do mundo, cooperação voltada para o aumento do bem-estar, do desenvolvimento, do progresso e da segurança do nosso povo e do nosso país.

Uma política interna e externa dentro destas grandes linhas apontadas corresponde de tal forma aos interesses do povo português e de Portugal, que para a sua realização podem unir-se portugueses e portuguesas das mais variadas tendências políticas e ideológicas.

A situação nacional chegou a tal ponto que o governo necessário já não necessita de ser apelidado de governo de esquerda, ou de governo democrático. Basta que lhe chamemos um governo português, com uma política portuguesa, ao serviço do povo português e de Portugal.

O PCP tem lutado, luta e lutará para que estes objectivos sejam alcançados. Para isso, exercendo plenamente todos os direitos que lhe confere a Constituição da República, organizará e promoverá a luta decidida dos trabalhadores e das massas populares, a unidade e a luta de todos os democratas e patriotas portugueses, que querem impedir o regresso ao passado fascista e querem assegurar que prossiga Portugal de Abril.

A luta pela unidade e as alianças que servem o povo

Ao contrário daqueles que tudo fazem para dividir os trabalhadores e os democratas, nós tudo fazemos e faremos para que se alcance, tanto no plano político nacional, como em cada situação concreta, a unidade dos trabalhadores, a unidade de todas as forças democráticas e patrióticas.

A nossa política de unidade é combatida por aqueles que, afirmando-se defensores dos trabalhadores, servem efectivamente o capital, por aqueles que, afirmando-se democratas, procuram e estabelecem alianças com forças reaccionárias que querem destruir a democracia.

As alianças que servem o povo são as alianças das forças democráticas, para combater, não só em palavras mas em actos, as forças reaccionárias, para defender, não só em palavras mas em actos, os interesses dos trabalhadores e das massas populares.

Não é de acreditar numa firme oposição ao novo governo «AD» daqueles que (como o secretário-geral do PS) no momento de uma crise que podia ser mortal para a «AD» defenderam a continuação da «AD» no governo. Daquelles que não encontram melhor expressão, para a oposição e a «ofensiva de Outono» que anunciam, do que irem muito afavelmente a S. Bento (como fez Mário Soares há dois dias) fazer uma cimeira com Balsemão e Freitas do Amaral.

Os dirigentes do PS dizem agora que não fazem alianças com os partidos reaccionários. Mas a verdade é que, no que respeita às alianças, não fazem outra coisa que não seja procurá-las.

Há as alianças declaradas e públicas e há as alianças secretas combinadas nos bastidores. Estas últimas não são nem menos efectivas nem menos perigosas.

Numa reunião dos presidentes PS de Câmaras Municipais, o secretário-geral do PS, ante uma forte corrente contrária às alianças com a «AD» e favorável às alianças com a APU, declarou, exemplificando, que está posta de lado qualquer aliança com a direita no concelho de Loures.

Mas, precisamente em Loures, o que se passa não é outra coisa senão uma aliança, e uma aliança vergonhosa e antidemocrática, do PS com a «AD».

Aliados, sabotaram a gestão da maioria APU. Aliados, forçaram a realização de novas eleições. Aliados, constituíram uma Comissão Administrativa onde partilharam todos os lugares, não concedendo um só que seja à APU que entretanto é maioritária no concelho. Aliados, estão desenvolvendo uma campanha de mentiras, calúnias, desinformação e demagogia contra a gestão da APU para tentarem nas próximas eleições tirar a maioria à APU e conseguirem uma maioria «AD»/PS.

Não desmascaramos esta aliança vergonhosa — aliança que só serve a reacção e que denuncia futuras alianças ainda mais largas — e estamos confiantes em que, nas eleições do dia 11 de Outubro, o povo do concelho de Loures lhe dará a devida resposta, confirmando e até reforçando a maioria da APU na Câmara Municipal.

Não temos ilusões e não devemos espalhar ilusões acerca da oposição dos citados dirigentes à política do novo governo «AD». Mas seria uma injustiça e um erro pensar que todos os socialistas e os eleitores do PS assim como da UEDS e da ASDI pensam como tais dirigentes.

Milhares e milhares de militantes e simpatizantes e eleitores da FRS compreendem a necessidade da unidade para defender os interesses populares e combater e finalmente derrotar a reacção.

Compreendem, por exemplo, que a política justa não é dividir os trabalhadores através da central fanfoche (a UGT) mas unir os trabalhadores na luta pelos seus interesses vitais.

Compreendem que a política justa não é fazer acordos nas autarquias para tentarem tirar ao PCP e à APU as 50 Câmaras e as centenas de Juntas de Freguesia onde o PCP e a APU hoje têm maiorias, mas fazer acordos entre a FRS e a APU para, juntos, correrem os caciques fascistas e reaccionários da «AD» de centenas e centenas de autarquias onde ainda actualmente são reis e senhores contra os interesses das populações.

Compreendem que a política justa não é defender a continuação dos governos «AD», mas unir todos os democratas, para o mais rapidamente possível libertar o nosso país do flagelo das forças contra-revolucionárias agora instaladas no poder.

A política de unidade do PCP encontra cada vez mais larga audiência. Os sentimentos unitários ganham cada vez mais largas massas.

Uma grande parte da oposição democrática não está filiada em partidos nem fixada no apoio a tal ou tal partido. Na política portuguesa pesam também os democratas independentes.

Com os partidos democráticos e democratas independentes existe um vastíssimo e maioritário campo social e político (como se tem mostrado nas últimas eleições presidenciais) capaz de assegurar a vitória democrática. E apesar da importância de serem ganhas para a unidade democrática as direcções dos partidos, o que acaba por ser essencial e decisivo, mesmo ao nível dos partidos, é a unidade da classe operária e das massas populares, porque, para determinar o destino da democracia portuguesa e de Portugal, será o povo português que terá a última palavra.

O povo dirá a última palavra

É um perigo menosprezar a força do inimigo, mas é ainda mais perigoso menosprezar a própria força.

A «AD» tem actualmente o governo. Tem grande parte do aparelho de Estado. Tem a maioria na Assembleia. Tem dinheiro. Tem o apoio activo dos grandes capitalistas, dos grandes proprietários e dos especuladores de toda a espécie. Tem poderosos apoios do imperialismo e da reacção internacional. Mas toda essa sua força está assente no ar. Está assente no ar porque não tem uma política que resolva os problemas, não tem um largo apoio de massas. Pelo contrário, agravará dia-a-dia os problemas do povo e do país e provoca descontentamento e revolta cada vez mais generalizados.

O movimento operário, popular e democrático não tem o poder político nem o aparelho de Estado. Mas tem a arma poderosa da organização. Tem a arma poderosa da unidade. Tem a arma poderosa da acção das massas que é força motora.

A experiência das vitórias da revolução portuguesa e da resistência popular contra as sucessivas ofensivas contra-revolucionárias nos últimos seis anos, mostra como as massas populares, quando organizadas, unidas, determinadas, movidas por objectivos profundamente sentidos e anseados, podem não só realizar profundas transformações sociais revolucionárias, como defendê-las com sucesso.

É nossa tarefa essencial, reforçar a organização, a unidade, a luta, a acção das mais vastas massas populares, como caminho essencial para derrotar a reacção e defender e prosseguir Portugal de Abril.

O movimento operário, popular e democrático português tem uma poderosa força organizada, uma riquíssima experiência, dirigentes capazes e calados na luta.

Tem um movimento sindical unitário que tem vencido e derrotado todas as tentativas divisionistas apoiadas por governos, pelo PS, o PPD e o CDS, pelo imperialismo e seus lacaios, e continua organizado em torno da única verdadeira central sindical dos trabalhadores, defensora dos seus interesses vitais e das conquistas da revolução, ligada indissolivelmente à classe operária e às massas populares — a gloriosa CGTP-Intersindical Nacional.

Tem as fortes organizações económicas e sociais ligadas à reforma agrária, às nacionalizações e ao controlo de gestão.

Tem o movimento camponês que ganha vigor crescente e que, em vastas regiões ainda política e eleitoralmente submetidas à «AD», se liberta do caciquismo reaccionário.

Tem fortes movimentos da juventude e das mulheres nos quais a JCP e as mulheres comunistas desempenham determinante papel.

Tem fortes movimentos de intelectuais e quadros técnicos, de pequenos e médios comerciantes e industriais, de reformados e deficiente.

Tem numerosos deputados na Assembleia da República. Tem a gestão de numerosas e importantes autarquias.

Tem vontade, tem experiência e tem determinação. Tem formas diversificadas de luta à sua disposição: a acção política, a influência ideológica, a luta eleitoral, a intervenção parlamentar e a acção junto das instituições democráticas, a contribuição directa para a solução dos problemas e, como forma essencial e mais poderosa — a acção de massas.

E tem também, como elemento decisivo da sua orientação, da sua organização, da sua unidade, da sua dinâmica e da sua capacidade de intervenção, da sua confiança na perspectiva da vitória, um partido que cada vez mais se afirma como a real e indiscutível vanguarda do movimento operário, do movimento popular, do movimento democrático: o Partido Comunista Português.

A reacção tem força. Mas o povo organizado, unido e disposto à luta tem ainda mais força.

As horas que vivemos são difíceis, mas a derrota da reacção e a vitória definitiva da democracia estão ao nosso alcance.

O papel determinante do PCP

A reacção e o PS procuram espalhar a ideia de que a política portuguesa evolui sem que o PCP tenha qualquer influência nessa evolução.

Procuram silenciar as actividades do PCP. Procuram marginalizar o PCP dos meios de comunicação social estatizados.

Esta campanha de aparente menosprezo da importância do PCP não reflecte porém outra coisa que não seja o medo que as forças reaccionárias têm da força, da organização, da preparação, da influência de massas e da capacidade de mobilização do PCP. O PCP é o único grande partido que tem, como constante de sua acção, a defesa dos interesses vitais dos trabalhadores e das massas populares, das liberdades e das outras conquistas da revolução. É o único que luta inafatigavelmente em defesa do regime democrático e da Constituição.

É o único que luta inafatigavelmente contra a submissão de Portugal ao estrangeiro e para que seja plenamente garantida a independência nacional.

É o único que existe para servir o povo e não para servir-se do povo.

É o único que tem um jornal que se publicou dezenas de anos na clandestinidade, o nosso glorioso «Avante!», que este ano comemora 50 anos de existência.

É o único que tem uma gloriosa história de 60 anos de luta (que este ano também comemora) dedicada ao serviço do povo e da pátria e que pela sua luta e pela dedicação e os sacrifícios dos seus militantes (antes e depois do 25 de Abril) se tornou digno do respeito de todos os portugueses honrados.

É o único grande partido que fala sempre verdade ao povo. É o único que diz o que pensa e que faz o que diz. É o único em que se pode inteiramente confiar.

É o partido no qual um número cada vez mais elevado de portugueses vê o mais poderoso baluarte contra a reacção e o único capaz de unir os trabalhadores e democratas e de encabeçar, dinamizar e conduzir a luta do povo até correr os partidos reaccionários do poder e conduzir à formação de um governo democrático com uma política democrática.

Na situação existente no nosso país, é uma verdade cada vez mais evidente que não é sem os trabalhadores e sem os comunistas, mas com os trabalhadores e com os comunistas, que se podem resolver os problemas nacionais e encontrar uma alternativa democrática para o governo reaccionário.

Só com o PCP e com os trabalhadores é possível assegurar o prosseguimento do regime democrático e uma política que conduza ao bem-estar dos portugueses, ao progresso, desenvolvimento e verdadeira independência de Portugal.

Torna-se cada vez mais evidente a afirmação, de há muito feita, que o PCP é um partido necessário, indispensável e insubstituível na defesa e continuação do regime democrático e na solução dos grandes problemas nacionais.

A formação de um governo democrático com participação do PCP tornar-se-á, mais dia menos dia, um imperativo nacional.

Temos plena consciência de que na situação actual, nenhum partido democrático sozinho está em condições de governar. Não pretendemos como alguns governos sozinhos. Mas temos também plena consciência daquilo que o nosso partido, com o apoio da classe operária e das massas populares, é capaz de realizar.

No dia em que o povo português entregar o governo aos comunistas, os comunistas com a mesma capacidade de realização que mostramos na Festa do «Avante!», modificando completamente a fisionomia da encosta pedregosa e abandonada que era o Alto da Ajuda e erguendo esta magestosa cidade de informação e de cultura para durar apenas 3 dias, serão também capazes de, num prazo curto, modificar a fisionomia de todo o país, construindo fábricas, habitações, hospitais, escolas, provocando o rápido aumento da produção industrial e agrícola, assegurando o desenvolvimento económico, o melhoramento das condições de vida material e espiritual do povo, o progresso social e a independência da pátria.

De momento, as nossas tarefas principais são combater o novo governo «AD» e a sua política até provocar a sua demissão, defender as liberdades e as outras grandes conquistas da revolução, defender os interesses vitais dos trabalhadores e de todas as classes e camadas antimonopolistas, lutar pelo melhoramento das condições de vida do povo, impedir a revisão inconstitucional da Constituição e salvar o regime democrático, a independência nacional e a segurança e tranquilidade dos portugueses.

Mas assim como as perspectivas a longo prazo não devem afastar da concentração de forças na luta por objectivos concretos imediatos, assim também a luta por objectivos concretos imediatos não deve afastar da mais ampla perspectiva, antes deve sempre inspirar-se nela.

Por isso cabe aqui reafirmar que a defesa das liberdades é inseparável da defesa da reforma agrária, das nacionalizações e das outras conquistas da revolução.

Cabe reafirmar que em Portugal a luta pela democracia política é inseparável da luta pela democracia económica e social.

Nós concentramos as nossas energias na luta com objectivos imediatos.

Mas, como comunistas que somos, nunca perdemos de vista que o nosso objectivo e o nosso rumo é a liquidação completa na nossa Pátria de todas as formas de exploração e opressão, é a construção da sociedade socialista.

Nada e ninguém nos afastará deste caminho, que corresponde inteiramente aos interesses e às mais profundas aspirações da classe operária e todo o povo trabalhador de Portugal.

A vitória é difícil mas será nossa!
Viva Portugal de Abril!
Viva a unidade dos trabalhadores e dos democratas!
Viva o Partido Comunista Português!

8 10/9/81
 **festa do
 Avante!**

Um comício entusiástico

Momento particularmente significativo da 6.ª edição da Festa do «Avante!» foi o comício gigantesco que decorreu no domingo, ao fim da tarde, e no qual usou da palavra o camarada Alvaro Cunhal, secretário-geral do Partido.

O comício durou mais de uma hora e meia (iniciou-se pouco depois das 18 horas) e foi intensamente vivido por largos milhares de pessoas, apinhadas em frente ao palco 1 até ao cimo da enorme «plateia»; no arruamento paralelo a essa zona; e mesmo junto dos alifantados espalhados pelo vasto recinto.

Dos pontos altos da Festa, a panorâmica que se obtinha era verdadeiramente impressionante: uma gigantesca massa humana, com centenas de bandeiras rubras com o símbolo da aliança operário-camponesa, esvoaçando por cima das cabeças, estava ali com a sua presença entusiástica e combativa, numa afirmação de unidade e firmeza na luta pelos ideais democráticos com que o PCP define o seu caminho no quadro da sociedade portuguesa. Ideais democráticos presentes na luta política e na actividade das organizações do Partido. Presentes em todos os sectores em que actuam os militantes comunistas.

No Palco 1 encontravam-se os camaradas da direcção do Partido, incluindo Alvaro Cunhal e Dias Lourenço, membro da Comissão Política do Comité Central e director do jornal «Avante!», que fizeram as intervenções do comício (as quais publicamos à parte); camaradas responsáveis pela construção da

Festa; e as delegações estrangeiras integrando representantes de jornais irmãos, partidos comunistas e operários, movimentos de libertação e outras organizações revolucionárias e democráticas, de vários pontos do Mundo. Dias Lourenço, que abriu o comício, referiu-se a pormenores e assuntos directamente relacionados com a Festa, tendo saudado os presentes e todos os que, com trabalho e dedicação, proporcionaram a realização de mais uma Festa do «Avante!», a Festa do Portugal Democrático, que vive no coração do Povo e que ano após ano será melhor e mais completa. Alvaro Cunhal deteve-se na análise do actual momento político, tendo proferido um discurso que constituiu um documento fundamental para a compreensão dos problemas que o País atravessa.

No decorrer do comício, registaram-se dois momentos de especial significado, caracterizados pela vibração dos milhares de pessoas presentes: a afirmação da solidariedade activa dos comunistas portugueses para com o Povo da República Popular de Angola e o MPLA-PT, nesta hora difícil, em que os patriotas angolanos combatem a invasão racista da África do Sul; e a entoação rítmica de palavras de ordem como «Assim se vê a força do PC» na altura em que subiam balões coloridos, uns isolados e outros erguendo bandeiras do Partido e a bandeira nacional, momento que antecedeu o início da intervenção do camarada Alvaro Cunhal.



Dias Lourenço

«Gigantesca confraternização popular de massas»

Camaradas

A todos vós, homens, mulheres e jovens portugueses do Continente, das Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores e da Emigração;

Aos nossos Amigos e Convidados estrangeiros que nos honraram com a sua presença;

A todos os que vieram este ano até ao Alto da Ajuda para a Festa mais popular de Portugal, em nome da Comissão da Festa do «Avante!» um muito obrigado e as nossas saudações fraternas e democráticas.

Camaradas

A Festa do «Avante!» realiza-se este ano pela 6.ª vez consecutiva. Digamos que é uma realização múltipla — nunca uma repetição.

Não há duas Festas do «Avante!» iguais uma à outra. Cada uma traz sempre a sua marca original.

Sempre uma nova imagem do trabalho criador dos comunistas; sempre novas iniciativas, novos temas, novas concepções estéticas. Também com uma conjuntura nacional em constante mutação, necessariamente, a situação política oferece facetas novas, impõe leitura actualizada e dela vos falará a seguir o camarada Alvaro Cunhal, Secretário-Geral do nosso Partido.

Apenas um traço comum a todas elas: a Festa do «Avante!» é, sempre e sempre, uma gigantesca confraternização popular de massas é, sempre e sempre, uma demonstração da superior capacidade de organização dos comunistas portugueses.

Há ainda uma outra mudança importante que tem ocorrido com indelével frequência na sucessão das nossas Festas — a da sua localização.

No próximo ano, a pretexto de duvidosos trabalhos de interesse público, a Câmara Municipal de Lisboa, que será, até Dezembro de 1982, na pior das hipóteses, de direcção AD/CDS, notificou-nos de que não poderíamos mais utilizar para a Festa do «Avante!» esta bela encosta do Casalinho da Ajuda.

É verdade, Camaradas. Todos os anos centenas de milhares de portugueses trazem à Festa do «Avante!» o calor da sua entusiástica participação, cada novo ano lhe dão, com alegria contagiante, um conteúdo popular cada vez mais vasto.

Mas todos os anos também, desde 1976, certas mesquinhas pessoas, reaccionários e políticos de vistas curtas, alojados nos centros de decisão, extravazam o seu anticomunismo criando-nos problemas de localização da Festa extremamente complicados.

Claro, a nossa Festa não agrada a algumas pessoas. Por exemplo, neste raivoso papelucho que exalta o programa do Governo AD — apesar de ninguém ainda o conhecer — ataca raiosamente a Festa do «Avante!» puxando umas lágrimas pelo «pobre povo que vive nas barracas sem condições higiénicas e as famílias com fome».

Mas estes crocodilos choramingões da AD são os mesmos que ainda há pouco fizeram votar na Assembleia da República, com os votos contra o PCP, o escandaloso aumento para o dobro dos salários dos deputados o que em alguns casos proporcionaria a alguns pobres deputados protegidos da AD qualquer coisa como 100 a 115 contos por mês.

Também um conhecido jornal democrático que deu, aliás, relevo à nossa Festa mas que por vezes pratica uma espécie de anticomunismo risonho e cordeal escreveu que as previsões do bom tempo da nossa Festa tinham beneficiado dos balões meteorológicos de Moscovo. Lamentamos informar o nosso sócio camarada Ivanov, da Revista Internacional, a quem o Governo AD pelos vistos preocupado com a meteorologia da Festa do «Avante!», recusou o visto para entrar em Portugal e que por essa razão ficou retido em Praga. A recusa do visto à entrada de um jornalista que vinha participar a nosso convite na Festa merece o nosso vivo protesto contra esta decisão do ministro dos Negócios Estrangeiros. Tivemos de nos basear nos balões da nossa TV que é, como sabéis, infalível em meteorologia.

Camaradas

Esta «despedida» do Casalinho da Ajuda e da quente convivência com a população trabalhadora e os democratas desta importante zona operária de Lisboa, vai fazer-se sobre um trabalho pleno de utilidade pública que transformou numa aprazível zona verde da cidade, os barrancos de basalto e matos, que eram antes estas belas colinas que aqui deixamos.

Por isso a nossa retirada este ano do Alto da Ajuda por imposição da Câmara de direcção AD/CDS pode ser, e desejamos que seja, um simples «Até à Vista!».

De qualquer forma, em 1982, iremos para a 7.ª edição da Festa do «Avante!».

E iremos mesmo, camaradas, porque a Festa do «Avante!» é a Festa mais popular de Portugal e porque em Portugal, o 25 de Abril é, e continuará a ser, uma conquista indestrutível do Povo português.

Camaradas

Esta Festa do «Avante!» de 1981 tem como temas centrais duas efemérides de grande relevância na história do movimento operário português e do nosso próprio Partido — o 60.º Aniversário

do fundador do PCP e 50.º Aniversário da publicação do «Avante!» seu órgão central.

O 60.º aniversário do nosso Partido é o tema dominante da Festa de 1981. Encontrá-lo-eis exaltado de formas diversas por cada uma das nossas organizações regionais, cada uma delas detentora de um pedaço de história heroica do PCP, cada uma delas parte integrante de um grande Partido nacional profundamente enraizado nas massas.

Na parte mais nobre da nossa Festa pudestes admirar a magnífica reprodução, em condições estéticas inteiramente diferentes, da exposição de Maio no Pavilhão dos Desportos.

É um trabalho de alto valor histórico e de didáctica política que ajuda a compreender o cimento de luta, de duro trabalho, de dedicação sem limites à causa da classe operária, do povo e da Pátria que está na base do desenvolvimento do nosso heróico Partido.

O «Avante!» está estreitamente ligado à acção do nosso Partido nos últimos 50 anos.

O «Avante!» fundado em 1931, na mais estrita clandestinidade, não podia deixar de ser — e foi na realidade — um instrumento essencial da política do PCP, da sua estreita ligação às massas populares.

Todo um meio século de luta heroica, tenaz e dura dos comunistas portugueses pela liquidação do fascismo e depois do 25 de Abril pela defesa e consolidação do regime democrático e das conquistas da Revolução enche as páginas do «Avante!».

Órgão de combate ao serviço da classe operária, do Povo e do Partido, quisemos contudo, assinalar o 50.º Aniversário do «Avante!» com uma pequena exposição da imprensa operária portuguesa desde 1910 até ao 25 de Abril de 1974.

Nesta consagração pública do 50.º Aniversário do nosso órgão central queremos lembrar aqui todos os camaradas que na clandestinidade e nos cárceres arrostaram com o terror fascista algumas vezes à custa da própria vida para fazer chegar às massas a voz do seu Partido.

José Moreira, o heróico operário metalúrgico da Marinha Grande que sucumbiu às torturas da PIDE, Maria Machado, que não resistiu muito tempo, depois de vários anos nas masmorras do fascismo, Joaquim Rafael, que morreu já depois do 25 de Abril por causas que não são alheias ao duro trabalho de 25 anos nas tipografias clandestinas, são símbolos da heróicidade dos comunistas portugueses que tiveram de enfrentar com determinação e coragem a bestial ditadura terrorista de Salazar e Caetano.

Camaradas

A realidade viva que é o PCP, o seu porfido trabalho ao serviço do povo português nas mais diversas frentes da sua luta por uma vida melhor está expressa em cada stand das organizações regionais do nosso Partido desde o Minho ao Algarve, da Beira Litoral à Beira Interior, do Continente às Regiões Autóno-

mas dos Açores e da Madeira. E também das mulheres comunistas, dos Pioneiros de Portugal, dos reformados, dos deficientes.

Saudamos as organizações regionais e organismos específicos do nosso Partido e da JCP pela rica contribuição trazida à Festa para conhecimento das qualidades morais e do patriotismo dos comunistas portugueses.

O PCP onde quer que existe, da mais pequena aldeia às grandes cidades e regiões, é uma força ao serviço dos interesses vitais do Povo; no âmbito de cada organização é uma força determinada e determinada na defesa das grandes conquistas da Revolução de Abril — as nacionalizações, a Reforma Agrária, o controlo operário, as liberdades, direitos e garantias dos trabalhadores.

Por isso na nossa Festa quisemos dar como sempre um relevo especial à Reforma Agrária, aos heróicos trabalhadores do Alentejo, do Ribatejo e mesmo da Beira Baixa, que defendem com coragem e com a solidariedade activa de todos os trabalhadores e todos os portugueses democratas e progressistas a mais bela conquista da Revolução de Abril.

A importância cultural da Festa do «Avante!» é já hoje um facto adquirido. A intelectualidade progressista do nosso País habituou-se já a ver na nossa Festa um meio de eleição para a expansão da cultura no seio das massas.

Este ano metemos ombros a uma realização que entrou já de maneira ímpar no calendário marcante da Arte em Portugal.

Referimo-nos à 3.ª Bienal de Artes Plásticas na qual participaram mais de 240 artistas, na maioria não membros do PCP e mais de 600 obras de arte.

Julgamos que a 3.ª Bienal da Festa do «Avante!» será como as anteriores e num nível ainda mais elevado, uma oportunidade única de contacto de vastas massas do Povo, a quem foi negado pelo regime de exploração capitalista o acesso à cultura, com artistas que se identificam com os destinos, os problemas e aspirações do Povo.

Camaradas

De novo, como nos anos anteriores, a Festa do «Avante!» se tornou possível com o trabalho esforçado de milhares de camaradas e amigos do PCP.

Nas jornadas voluntárias dos fins-de-semana, só no decurso do mês de Agosto, por exemplo, participaram camaradas num total de 12 300 homens/trabalho. Neste número, 400 estiveram, e ainda estão na Festa, em permanência, e destes, mais de 200 aqui têm estado sem qualquer remuneração, a maior parte sacrificando as suas férias.

Muitos camaradas vieram aqui fazer jornadas nocturnas depois de um duro dia de trabalho.

São exemplos de elevada consciência política e de inextinguível militância dignos do nosso grande Partido.

Creemos ser um acto de justiça destacarmos aqui este ano o trabalho operoso dos jovens camaradas rapazes e raparigas da

JCP que estiveram sempre na primeira linha das tarefas mais duras e arriscadas.

As organizações regionais de Lisboa e de Setúbal coube a maior participação mas todas as outras organizações regionais do nosso Partido, as do Continente e as das Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores, o fizeram na medida das suas possibilidades. E o fizeram com notável eficiência técnica, com uma melhor organização do trabalho, com um criterioso aproveitamento dos materiais e recursos postos à sua disposição.

Todo este importante colectivo de trabalho pôde funcionar com essa eficiência técnica e espírito de organização altamente qualificados por ter à sua frente um núcleo dirigente de camaradas que souberam nos gabinetes e no próprio campo planejar e dirigir superiormente os trabalhos de implantação e decoração da Festa e ainda administrar criteriosamente os bens do Partido.

Os camaradas que este ano, a todos os níveis, deram o valioso contributo do seu esforçado trabalho merecem de todos nós uma palavra de reconhecimento e uma calorosa saudação.

Uma palavra também para assinalar mais uma vez a valia dos serviços prestados à nossa Festa por alguns departamentos públicos. A Direcção do Perímetro Florestal de Monsanto, aos Bombeiros Voluntários de Campo de Ourique, aos Serviços de Limpeza da Câmara Municipal de Lisboa, e a todos os serviços da CML que de uma forma ou de outra facilitaram os nossos trabalhos, à PSP de Lisboa e à sua Brigada de Trânsito o nosso reconhecimento pelas facilidades e serviços que prestaram à Festa.

Camaradas

Todo este labor teve por floração e objectivo estes três invidiáveis dias de arte, cultura e desporto, de alegria e convívio popular, e também de debate político, que acabámos de viver.

Aos palcos da Festa do «Avante!» vieram de novo exibir-se artistas de grande mérito portugueses e estrangeiros. Na canção, na música, no folclore, no teatro, em várias outras modalidades pudemos apreciar o seu valor. Atletas de renome mundial vieram até nós mostrar a sua alta qualificação atlética e todo o seu enorme devotamento ao povo.

Para todos os artistas portugueses e estrangeiros que plenos de juventude, alegria e arte animaram os palcos do Alto da Ajuda, para os jovens desportistas portugueses e estrangeiros o nosso muito reconhecimento pela sua contribuição decisiva para o brilho da Festa do «Avante!».

Camaradas

Também, como desde a primeira realização da nossa Festa, a de 1981 significou uma grande jornada internacionalista de Amizade e Paz.

37 delegações de jornais de partidos irmãos e de movimentos de libertação nacional de vários pontos do globo nos deram a honra da sua visita. Um grande número tem na Cidade Internacional da Festa do «Avante!» sugestivos stands onde os visitantes puderam apreciar resultados de uma luta e de um trabalho positivo em benefício dos respectivos povos.

Alguns suportaram neste momento violentas agressões e provocações do imperialismo e dos seus lacaios; outros lutam de armas na mão pela sua liberdade, pelo seu direito à independência, pelo direito de decidirem dos seus próprios destinos; alguns outros estão na nossa Festa pela 1.ª vez.

Para eles a solidariedade quente, fraterna e activa dos comunistas portugueses.

Saudamos efusivamente os representantes dos jornais, partidos e movimentos que se deslocaram até nós — da União Soviética, da RDA, da Bulgária, da Checoslováquia, da Hungria, da Polónia, da Roménia, de Cuba, do Vietname, da Etiópia, da Jugoslávia, da Mongólia, da França, da Itália, da Grécia, da Espanha, da Coreia, da RFA, da Argélia, da Síria, da Líbia, da Palestina, da Guiana, da República Sauri, do Chile, do Brasil, da Suíça, de Berlim-Oeste, da Finlândia e da Turquia.

Queremos destacar por fim as representações dos povos que se libertaram do colonialismo português, nossos irmãos de combate contra o colonial-fascismo, nosso inimigo comum: de Angola, que neste momento sofre a invasão traiçoeira dos colonial-racistas da África do Sul e para cujo povo vai a expressão mais viva da nossa solidariedade, da nossa ilimitada confiança na sua vitória final e na expulsão do invasor da terra angolana: de Moçambique, alvo de contínuas provocações da mesma África do Sul; da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, de S. Tomé e Príncipe e também do povo de Timor-Leste, ainda sob o domínio colonial da Indonésia, que luta corajosamente pela sua independência.

Camaradas

Dentro de poucas horas vai terminar a Festa do «Avante!» de 1981. Cada um de nós levará consigo a viva lembrança destes dias de alegria, de convívio, de elevada participação popular, da imponente força de massas.

Até para o ano camaradas

Viva a Festa do «Avante!»

Viva o 50.º Aniversário do «Avante!»

Viva o 60.º Aniversário do PCP!

Viva o nosso grande e glorioso

Partido Comunista Português!

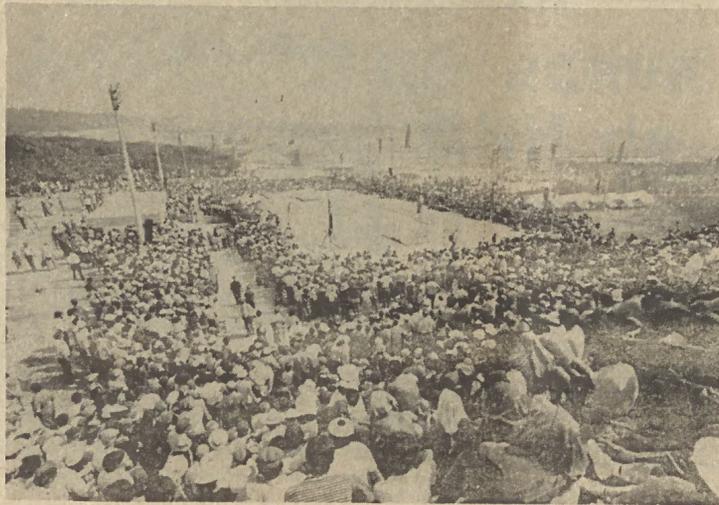


Avante! festa do Avante!

Uma presença reforçada

Ano após ano, o desporto reforça a sua presença na Festa do "Avante!". Agora, nesta 6.ª edição, essa ideia ganhou novo impacto. Ao longo dos três dias, milhares de pessoas estiveram em contacto com o fenómeno desportivo. Da ginástica ao futebol, dos Jogos Populares ao voleibol, num leque variado de actividades que envolveram centenas de atletas, o desporto — que voltou a ter a sua "Cidade" — foi também uma Festa no Alto da Ajuda. Uma Festa valorizada, por exemplo, pela participação de ginastas de elevada craveira internacional, oriundos da URSS, RDA e Hungria.

O desporto na Festa do "Avante!", presença indispensável e cada vez mais dinâmica, proporcionou convívio e amizade, divulgou modalidades, contribuiu com o seu programa para uma maior riqueza da Festa, simbolizou uma orientação que vive na luta dos comunistas portugueses: o Desporto é Direito do Povo!



Festivais internacionais de ginástica foram grande êxito!

No âmbito do variado programa desportivo da Festa do "Avante!", destacou-se, sem dúvida, a realização de três festivais internacionais de ginástica, com a participação de credenciados atletas da URSS, RDA, Hungria e de colectividades portuguesas.

O primeiro realizou-se na sexta-feira, à noite, no Palco principal da Festa, tendo sido calorosamente aplaudido por milhares de pessoas. Os outros dois decorreram no polivalente da Cidade do Desporto, sábado à noite e domingo na parte da manhã, num ambiente caracterizado pela força e a alegria da juventude e pelo vivo interesse com que muitos visitantes acompanharam os exercícios dos ginastas, quase todos de belo efeito.

A representação da URSS era constituída por 10 elementos, praticantes de ginástica desportiva, rítmica e acrobática. Os ginastas desta última "disciplina", que proporcionaram entusiasmados momentos de vibração no Alto da Ajuda, são campeões do Mundo e da Europa. A formação soviética incluía também campeões nacionais, como por exemplo em rítmica e em paralelas assimétricas (desportiva).

Da delegação da RDA faziam parte 17 atletas de ginástica desportiva, rítmica e acrobática. A representação da RDA era igualmente mista.

Da Hungria vieram até ao Alto da Ajuda três raparigas especializadas em ginástica rítmica, pertencentes à selecção nacional húngara, que recentemente se

classificou em 5.º lugar no Campeonato do Mundo.

Membros da Federação Portuguesa de Ginástica e da Comissão de Desporto do PCP entregaram várias lembranças aos atletas presentes. O último Festival, o de domingo, incluiu a apresentação do Jogo do Pau, pela Escola de Vinha das Pedras (Alhos Vedros), dirigida pelo sempre jovem Mestre José Chula, de 73 anos e praticante deste popular jogo desde os 13!

O programa desportivo que se desenrolou no polivalente do Alto da Ajuda, nos três dias da Festa, integrou ainda demonstrações de diversas modalidades, designadamente basquetebol para deficientes (quatro equipas), andebol senior e júnior, voleibol, basquetebol e ginástica por algumas colectividades populares.



Cidade da Juventude Cidade do convívio!

Uma torre enorme, com 25 metros de altura (a maior da Festa!) e encimada pelo símbolo da JCP, marcava, mesmo de longe, a Cidade da Juventude, no Alto da Ajuda.

Ali decorreu uma Festa dentro da própria Festa do "Avante!". A afirmação pode conter algum exagero, mas «explica» o que aconteceu na Cidade juvenil, nos três dias do grande convívio popular.

No auditório, a mensagem cultural assumiu particular destaque, tendo sido calorosamente aplaudidos os jovens artistas que por lá passaram, nomeadamente cantores do Movimento dos Festivais de Canção Juvenil, grande iniciativa realizada pela JCP ainda este ano, ou os cantores estrangeiros que vieram à Festa.

No Palco da Juventude decorriam, entretanto, espectáculos de qualidade nos três dias, com artistas nacionais e estrangeiros,

ros, e abrangendo um diversificado leque musical.

Os jovens asseguraram serviços de bar e restaurante, não havendo mãos a medir, pois as «bichas» estendiam-se por todo o lado. Os camaradas dos «stands» em que se vendiam lembranças, incluindo peças de artesanato, material de propaganda das organizações, etc. tiveram também trabalho intenso.

Visitada por milhares de pessoas, jovens e não só, a Cidade da Juventude, ponto obrigatório da Festa, tinha exposições sobre a actividade internacional da JCP, sobre o jornal «Juventude» e uma subordinada ao lema «Um ano de luta da juventude, um ano de consolidação da JCP», uma zona de divertimento (onde não faltou a «Abecassis City...»), um «museu vivo» com a evocação do trabalho produtivo e criador da juventude, além de «stands» e pavilhões diversos.

A originalidade e o espírito de iniciativa dos jovens comunistas, estiveram bem patentes em toda a «Cidade». Recordemos, por exemplo, a denúncia da bomba de neutrões (um espelho com a legenda: «Este o principal alvo da bomba de neutrões — a Vidal... A tua Vidal») e o elemento escultórico em cimento e plástico que assinalava a homenagem e o papel da Juventude nos 60 anos de vida e luta do PCP, do Partido da Juventude.

Largas dezenas de jovens militantes da JCP, asseguraram em numerosos turnos de trabalho, o funcionamento das diversas actividades, «stands», pavilhões, auditório (onde também houve teatro, cinema, debates, colóquios, música popular e de intervenção) e outras iniciativas que se desenrolaram na «Cidade» juvenil, uma das primeiras zonas da Festa a terminar o trabalho de preparação e implantação.

Vitória de Coimbra no Futebol

A Frente Internacional dos Apanhados da Conchada (FIAC), da cidade de Coimbra, foi a equipa vencedora do Torneio de Futebol de Salão da 6.ª Festa do «Avante!», iniciativa com âmbito nacional que mobilizou largas centenas de participantes, nas suas fases de apuramento.

Em segundo lugar ficou a turma do Carvoeiro/Britas, de Setúbal, distrito de Setúbal.

O encontro da «finalíssima» que terminou com o resultado de 2-1, foi disputado entre as duas formações na tarde do último dia da Festa e decorreu num ambiente de grande empenho por parte de todos os jogadores, sendo o seu esforço aplaudido e

sublinhado pela numerosa assistência que ocorreu ao polivalente da Cidade do Desporto.

O juiz da partida, Adelino de Castro, soube orientar o seu trabalho no recinto — nem sempre facilitado e compreendido durante o jogo —, com rigor e seriedade.

As equipas alinharam com a seguinte formação: FIAC (equipamento escuro) — Rebelo II, Daniel, Minas, José, Manuel, Santos, Luís, Rebelo I e Pedro Almeida.

Carvoeiro (Equipamento claro) — Ribeiro, Alfaço, João Pedro, Joaquim Martins, José Formiga e António Manuel.

A fase final do Torneio compreendeu, antes do jogo derradeiro, os seguintes encontros: «Fórmula 8» (Lisboa) perdeu por 8-2 com o «Carvoeiro» e «Abril Vencedor» (Mintin) perdeu por 5-1 com a FIAC.

Foram entregues recordações às equipas que chegaram à fase final do Torneio. Dois camaradas ligados ao trabalho de dinamização desportiva no quadro das actividades do Partido, Galacho e Cunha, entregaram as taças aos primeiros classificados.

O futebol de salão não ficou por aqui no Alto da Ajuda. Houve raparigas em acção num encontro entre formações de Setúbal e Lisboa. Vitória para as primeiras pelas margem tangencial de 2-1.



Por sua vez, do torneio da JCP saiu vencedora a equipa do «Grupo Desportivo e Cultural Estádio do Mar», de Matosinhos/Porto, que bateu também por 2-1, no último encontro, a turma dos «Grandes Efes», de Sacavém. Alinharam os seguintes jogadores:

«Estádio do Mar» — António Pires, Paulo Martins, João Santos, José Correia, Manuel e José Moreira.

«Grandes Efes» — José Ribeiro, José António, Joaquim Ferreira, Luís Filipe, José Antunes, Rui José e António Pedro.

Além destas equipas, participaram na fase final do torneio da JCP da Festa do «Avante!», que mobilizou largas dezenas de formações em diversos pontos do país, o «Clube Desportivo do Castelo» (Beja) e uma equipa de Aveiro.

O torneio dos Pioneiros teve também o seu encerramento no Alto da Ajuda, numa jornada de oito equipas, integrando jogadores entre os 9 e os 14 anos. No encontro da «finalíssima» o «Centro Cultural Magalhães Lima» venceu «Os Selbês» (Alcântara) por 6-1. As duas equipas são da zona de Lisboa.

Um Grande Mestre no Torneio de Xadrez

Com a participação do Grande Mestre soviético A. Gipslis, decorreu nos três dias da Festa uma interessante jornada de xadrez que mobilizou algumas dezenas de jogadores e a curiosidade de grande número de visitantes. Para além dos resultados, o valor da iniciativa prendeu-se directamente com a divulgação da modalidade e a possibilidade de diálogo e de convívio entre muitos xadrezistas do País, a quem são, por sua vez, proporcionados contactos com Grandes Mestres, tal como nos salientou o camarada Reis, organizador das actividades do xadrez nas Festas do «Avante!».

No primeiro dia, A. Gipslis realizou uma simultânea com 20 tabuleiros. Demorou apenas uma hora e quinze minutos. O Grande Mestre soviético venceu em todos os tabuleiros, menos, no de Américo Rebordão, da Quimigal.

Rui S. Pereira, conhecido xadrezista nacional, participou numa simultânea com 21 tabuleiros, tendo empatado em dois.

O torneio de «rápidas» foi disputado por várias dezenas de jogadores. Registou-se a seguinte classificação final:

- 1.º, A. Gipslis (8 pontos); 2.º, Luis Santos (8); 3.º, António Fróis (7,1/2); 4.º, M. Didien (5); 5.º, Rui S. Pereira (4,1/2); 6.º, Amílcar Miranda (4); 7.º, Carlos

Carneiro (3,1/2); 8.º, Edgar Couthago (3); 9.º, António Horta (1,1/2); 10.º, José Pinheiro (0). A simultânea com relógio foi ganha em todos os tabuleiros por A. Gipslis.

No domingo houve simultâneas de 20 tabuleiros, com Luis Santos e Álvaro Pereira.



Chinquilho

Na Cidade do Desporto funcionou novamente um recinto para o chinquilho. Registraram-se os seguintes resultados:

Dia 5 — 1.º, Pinheirinhos (Charneca da Caparica); 2.º, Zambujal; 3.º, Pombalense (Almada); 4.º, Parras (Monte da Caparica); 5.º, Tarralhas (Trafalga).

Dia 6 — 1.º, Unidos do Bairro Afonso Costa (Setúbal); 2.º, Penteado (Carregueira); 3.º, Gámbia (Setúbal); 4.º, Amigos do «Avante!».

No decorrer da Festa, além das provas integradas na jorna-

da final do Torneio, muitos dos visitantes tiveram oportunidade de «ensaiar» uns lances de chinquilho. Para uns, foi a recordação do jogo que animava as tardes de domingo na província. Para outros, incluindo muitos jovens, foi o contacto directo, pela primeira vez, com aquela modalidade dos Jogos Populares, parte integrante do património que é preciso defender. E para o defender há que o divulgar. Foi para isso que, em grande parte, contribuiu a presença do chinquilho na Cidade do Desporto da Festa do «Avante!»

Pioneiros: iniciativas do princípio ao fim

Os três dias da Festa do «Avante!» foram também três dias de grande alegria para a pelizada. As brincadeiras, as iniciativas, o convívio e a amizade não tiveram paragem de sexta-feira a domingo.

Jogos, concursos, pinturas, trabalhos em barro, exposições de desenhos, divertimentos (não esquecen-

do, é claro, o carrocel), canções e iniciativas culturais — enfim, houve de tudo na Cidade dos Pioneiros, localizada um pouco depois da entrada, logo a seguir à Cidade do Desporto.

De salientar a participação de vários artistas (cantores, palhaços, elementos de grupos folclóricos, etc.), de alguns agrupamentos de

Pioneiros e de monitores que asseguraram o apoio às numerosas actividades promovidas ao longo da Festa.

Êxito especial tiveram, por exemplo, os concursos do Pioneiro da Paz e do Pioneiro da Solidariedade.

O programa da Cidade dos Pioneiros foi praticamente cumprido na totalidade.



Jovem de 21 anos ganha nas Damas

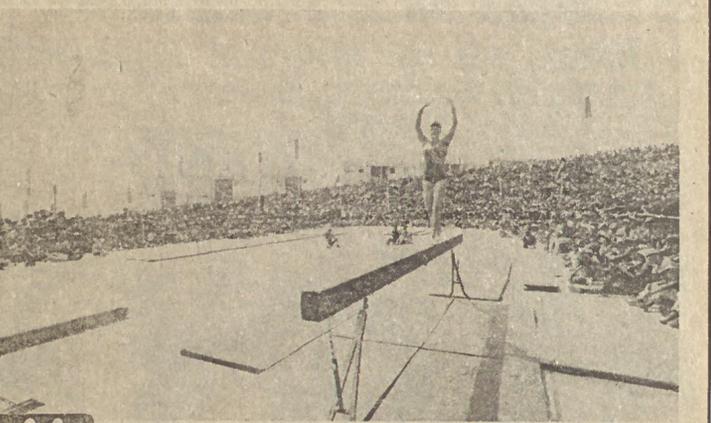
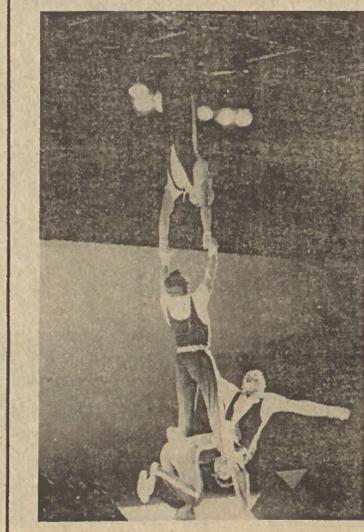
Tem 21 anos, é de Beja e chama-se Daniel Seita Machado o vencedor do 3.º Torneio de Damas da Festa do «Avante!». A fase final, realizada sábado e domingo, no Alto da Ajuda, com muita gente interessada a assistir às partidas, mobilizou 68 concorrentes de diversos pontos do país, número superior ao do ano passado.

Para se encontrar o vencedor, que recebeu a Taça Soeiro Pereira Gomes, foram necessários vários jogos, prova do valor dos dois finalistas: o jovem Daniel Machado e Manuel Custódio Costa, 41 anos, da região de Setúbal, que recebeu a Taça «Avante!».

Em terceiro lugar ficou Jacinto Ferro (Lisboa) e em quarto José Freire Raposo (Almada). Jacinto Ferro foi finalista no ano passado e desta vez derrotou Medilha da Silva (vencedor das

duas edições anteriores do Torneio) numa das eliminatórias. Como nos salientou Mário Diniz Vaz, antigo campeão de damas de Almada e entusiástico dinamizador das damas no nosso país, dois dos aspectos que caracterizaram a fase final do Torneio da Festa do «Avante!» foram, sem dúvida, a participação de jogadores já credenciados, a par de jovens com muito interesse na modalidade, e a viva adesão de muitos dos visitantes da Festa à popular modalidade, que tem agora um instrumento muito importante para a sua valorização e desenvolvimento: a Federação Portuguesa de Damas.

Ainda no respeitante ao torneio da Festa, é de salientar que foram entregues galhardetas a todos os participantes, medalhas até ao 8.º classificado, uma recordação especial para o 3.º e taças para os dois primeiros.



A participação de credenciados ginastas da URSS, RDA e Hungria valorizou o programa desportivo e a Festa do «Avante!» nesta sua 6.ª edição, a qual assinalou um significativo reforço das actividades desportivas no «património» da maior Festa do Portugal de Abril

10 festa do **Avante!**

O pulsar da solidariedade na Cidade Internacional

A solidariedade é uma corrente de sentido duplo. Este um facto que uma vez mais ressalta na Festa do «Avante!» de 1981, particularmente sensível na zona da Cidade Internacional, nos contactos com os representantes da imprensa dos partidos irmãos que estiveram presentes entre nós.

Para estes a Festa em que participaram a nosso convite, foi um momento importante de contacto com a nossa realidade política nacional, com a acção, com o quotidiano, com os militantes, com o próprio estilo de existir do Partido que somos. Será o inverso menos verdadeiro?

Para nós, para todos os que estiveram na Festa do «Avante!», a resposta é clara: a presença política, a presença cultural — do artesanato, à música e, porque não?, à cozinha —, a presença viva dos camaradas de muitos outros países, constituem, também para o Partido que ergueu a Festa, um contributo precioso para o esclarecimento de massas, para o aprofundar dos laços de amizade, para o imprescindível sentir da força solidária que nos une a todos numa luta comum. E assim dar mais força à nossa luta — pela compreensão da sua dimensão universal.

Um mundo de problemas e realizações

Solidariedade e esclarecimentos são funções estreitamente interligadas, que na Cidade Internacional assumem uma mais vasta dimensão. A fome de saber, o empenho na troca de experiências, é presença viva em todos os stands.

Nos dois países socialistas o renovar de certezas, o esclarecimento das dúvidas que a propaganda oficial alimenta sistematicamente todo o ano. «Vês como é diferente do que se diz?», «só eles poderiam fazer estas coisas!», «eles», os povos que vivem e constroem o socialismo — comentários repetidos, que traduzem a confiança, e a necessidade de informar mais e melhor — todo o ano.

Os partidos irmãos da Europa capitalista marcaram bem que a questão central neste momento é a defesa da paz, a luta contra a corrida aos armamentos, contra as armas nucleares, contra a bomba de neutrões. Problema maior, de par com prementes problemas nacionais, como o da repressão contra os comunistas e outras forças progressistas — prática «legal» na RFA através das interdições profissionais que lançam para o desemprego os que são conhecidos pela sua acção ou as suas ideias opostas à política do governo de Bona. Corrida aos armamentos e acentuação da repressão interna são aliás questões mutuamente dependentes.

Os «stands» do continente africano atraíram particularmente as atenções. E aí ressaltou a poderosa e sempre viva solidariedade com os povos com que lutamos em comum contra o fascismo e o colonialismo. Particularmente intensa foi a afluência aos stands de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, destacando-se o empenho em saber mais,

em manifestar a solidariedade com o povo angolano e o MPLA — Partido do Trabalho, face às agressões da África do Sul, apoiadas pelo imperialismo norte-americano. Uma solidariedade que se via a manifestar de forma muito evidente no comício realizado com o MPLA-PT na própria Festa (ler pág. 11)

«Coitados»?!

De par com o muito que se construiu, tendo como preocupação central o bem e o progresso dos povos e do ser humano, de par com as realizações do socialismo, e os passos importantes dados pelos novos países progressistas — salienta-se a guerra, a violência repressiva, e a luta contra a guerra, a luta contra a repressão. Mas abarcar toda a extensão e complexidade deste quadro contraditório, não é fácil. E a Festa pode contribuir, e contribuir sem dúvida, para que esse quadro contraditório se torne mais acessível a todos nós.

Frete ao sempre superlotado stand da Organização de Libertação da Palestina (OLP), uma mulher comentou — «coitados...». Sem dúvida uma expressão de simpatia, a sua forma de exprimir solidariedade. Mas também uma ideia a exigir correcção, aprofundamento, através do contacto da realidade. E ali na Festa o povo palestino exprime bem, não só seu carácter de povo perseguido, vítima de várias formas de injustiça e agressão, obrigado a viver em tão difíceis condições, privado mesmo ainda do direito a uma pátria.

Na Festa o povo palestino surgia também, e sobretudo, como um povo que luta heroicamente pelos seus direitos, em todas as frentes, nomeadamente nas

zonas ocupadas por Israel e cuja forte consciência nacional se exprime nos mais diversos domínios, também no da arte.

O mesmo panorama ressaltava no stand da Frente Polisário, que às tarefas da luta armada une as da organização, da construção de uma nova vida, a educação e ensino de massas. Ou ainda no da Fretilin, onde muitos e muitos participantes da Festa se foram informar da vida e da luta de Timor Leste.

Fascismo nunca mais

«Foi uma grande jornada de solidariedade. Sentimos vibrar com a nossa causa o coração solidário do Partido Comunista Português, da sua classe operária, do seu povo» — afirmou ao «Avante!» o camarada de «El Siglo», órgão do Partido Comunista do Chile. — «O nosso stand foi visitado por milhares e milhares de pessoas, homens, mulheres e jovens, gente do campo e da cidade que observou muito atentamente a nossa exposição».

Saudações do estrangeiro

Por motivo da realização da Festa do «Avante!», recebemos na redacção saudações e mensagens de jornais e partidos irmãos que não puderam estar representados. Registamos hoje as enviadas pelo Partido Comunista Paraguai, pelos redactores e difusores da imprensa comunista da Argentina e pela direcção do Ny Dag, órgão central do Partido de Esquerda os Comunistas da Suécia.

Entretanto, à lista de delegações estrangeiras presentes na Festa, publicada na semana anterior nestas páginas, há a acrescentar a do Partido Comunista da Turquia.



De diversos pontos do globo vieram delegações, que participaram na Festa com um espírito de amizade e solidariedade activa na construção de um Mundo de paz

«Em nome da Vida!»

todos não somos demais

«Em nome da Vida!». Um pequeno pavilhão no sector da DORL, ao fundo da Festa. Quadros com elementos sobre a corrida aos armamentos, os efeitos de uma bomba nuclear. A fotografia célebre da criança de Hiroshima — uma das mais atingidas, para além dos mortos reduzidos a sombras, dos que depois já nasceram deformados, marcados ainda no útero pela guerra, pela anti-humana política imperialista. Ao centro os três abaixo-assinados: contra as armas nucleares em Portugal, contra as agressões armadas dos racistas a Angola, contra a bomba de neutrões. Três abaixo-assinados em defesa da paz.

Face ao convite «Quer assinar?», a mulher ficou confusa. «Não sei assinar». Um facto ainda muito frequente, num país onde mais de 23 por cento da população: é analfabeta. Mas na luta pela paz isso não é, não pode ser, óbice. Todos não somos demais na defesa da vida. A mulher assinou — talvez

pela primeira vez na sua vida — por mão de outrem. «Diga então aí o seu nome». Na resposta à outra questão que se colocava já não houve quaisquer hesitações: «Profissão?». «Trabalhadora» — respondeu com firmeza a inquirida. Assim se superaram as sequelas do fascismo. A ignorância imposta não pode impedir a mais ampla participação na luta pela paz e a consciência de que é antes do mais aos trabalhadores, aos que constroem a vida, que compete a sua defesa.

Uma pequena história na Festa do «Avante!» onde a luta pela paz não poderia deixar de estar presente. E esteve.

Esteve como que a servir de pano de fundo à Cidade Internacional, inscrita nas suas paredes em diversas línguas, nos retalhos dispersos da Guernica, no próprio nome da praça central — Praça da Paz.

Nos «stands» dos países socialistas que, com a União Soviética à cabeça, dirigem

de facto a batalha da paz a nível mundial. Nos «stands» dos países capitalistas da Europa, onde a mobilização de massas contra as armas nucleares que a NATO quer impôr ao nosso continente adquiriu particular preminência.

E igualmente na DORP, que editou um autocolante contra a bomba de neutrões, na cidade da Juventude, em espectáculos como o do conjunto da RDA «Impulso», que dedicava mesmo uma das suas canções à luta contra a bomba de neutrões.

«isto dá coragem»

«Somos de uma cidade onde ainda há poucos dias quase cem mil pessoas protestaram contra os perigosos planos da NATO de fazer da Europa uma rampa de lançamento de armas nucleares contra o socialismo real — declarou-nos o camarada Henning Muller, da «Die Wahrheit», órgão do Partido Socialista Unificado

de Berlim Oeste. Através de muitas conversas na Festa, ficámos a saber que também Portugal diz NÃO à bomba de neutrões e que todos os democratas de Portugal recusam o estacionamento de armas nucleares da NATO no nosso continente. Isto dá coragem para continuarmos a luta pela paz!». O exemplo dos camaradas e das forças pacíficas de Berlim Oeste, da RFA, da Grã-Bretanha, da Grécia, de França, da Itália, para citar apenas alguns exemplos, constitui para nós, igualmente, um poderoso estímulo. Uma luta ampla e profundamente unitária porque o que está em causa não pode ser ignorado por ninguém.

Na cidade da juventude, um espelho que reflectia quem se aproximasse, de corpo inteiro, tinha como legenda: «É este o principal alvo da bomba de neutrões: a Vida!... A tua Vida!». É isso mesmo que está em causa a Vida. Por isso a luta pela paz é universal. Por isso todos não somos demais.



A música, os livros e os diversos materiais de informação também ajudam a cimentar a amizade internacionalista. Na Cidade Internacional, a animação e a música uniram-se num ambiente de convívio fraterno. Na foto, o grupo folclórico húngaro «Rajkó», que entusiasmou muitos visitantes da Festa



Obrigado. Venceremos!

Um pouco ao acaso de encontros condicionados pela actividade e pelo programa ligados à Festa, o «Avante!» ouviu algumas opiniões de delegações de camaradas de partidos irmãos à nossa Festa. O sentimento unânime de entusiasmo, de que se viveu no Alto da Ajuda uma grande jornada de massas, de que a Festa reflecte a força, a vitalidade, a implantação de massas do nosso Partido, caracteriza todas as opiniões recolhidas.

«A Festa do «Avante!» foi realmente fantástica em tudo: na planificação, na organização e na variedade das actividades das diferentes secções — declarou-nos a delegação da OLP, que acrescentou — nada disto nos causa estranheza, pois a Festa pode ser considerada um símbolo da sociedade por cuja construção os comunistas lutam».

O mesmo entusiasmo pela Festa do «Avante!» foi expresso pelo camarada da Turquia, actualmente o único partido comunista forçado à clandestinidade, na Europa: «É uma festa impressionante. Um notável carácter popular; um trabalho militante entusiástico; uma organização de realçar e um acolhimento caloroso».

As profundas raízes do PCP nas massas

«O que mais me impressionou na Festa do «Avante!», a que vim pela primeira vez, foi o seu carácter popular e militante — afirmou ao

«Avante!» o camarada René Andrieu, chefe de redacção de «l'Humanité» — É uma grande manifestação de massas, reflexo inequívoco da vitalidade do Partido Comunista Português, da sua audiência junto da classe operária, dos trabalhadores do campo e dos intelectuais».

«Esta participação na nossa festa — realçou o camarada Leonel Mário d'Alva, membro da Comissão Política do Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP) — proporcionou-nos a oportunidade de constatar a imensa capacidade do Partido Comunista Português para mobilizar as massas e levá-las a participar na luta pela defesa e consolidação da democracia em Portugal e a implantação de uma sociedade justa».

A festa, também como um acontecimento cultural, que só o PCP seria capaz de concretizar, foi realçada pelo camarada Manuel Delgado, director do «Unidade e Luta», de Cabo Verde, que afirmou: «Em matéria de educação de massas, educação do povo, nada há que exceda a acção do PCP. E estou a pensar neste caso na própria Festa, na realização da Bienal de artes plásticas, nesta possibilidade única de largas dezenas de milhares de pessoas assistirem à actuação de um tão largo conjunto de artistas de craveira internacional — o que sem o PCP, sem a Festa do «Avante!», nunca seria possível».

Uma outra dimensão da Festa — a do mútuo esclare-

cimento — foi destacada pelo vice-director do jornal «Al-Baath» e membro da direcção do Partido Baas Socialista da Síria, Fawazi Sayyagh, que afirmou: «Para nós este foi um convite importante, porque permitiu um maior esclarecimento da nossa justa luta contra o imperialismo e o sionismo internacional, quer com os nossos camaradas do Partido Comunista Português, quer com os camaradas das outras delegações presentes. Pelo nosso lado compreendemos profundamente

a luta do Povo português no plano interno e externo».

Conhecimento mútuo que a visita à Festa, aos múltiplos stands, à vida que nela pulsava, certamente acentuou. Os camaradas de Berlim Oeste, como muitos outros, nomeadamente a delegação da Hungria, destacaram por exemplo a importância da nossa exposição sobre a vida do Partido. «Impressionou-nos muito profundamente — afirmaram — a grande exposição sobre o 60.º aniversário da fundação do PCP, que mostra o he-

roísmo dos camaradas durante os 48 anos de luta na clandestinidade e a continuidade, hoje, da luta pela paz, pela democracia e pelo socialismo».

Numa pequena mensagem ao «Avante!», que reproduzimos parcialmente no texto, os camaradas chilenos terminaram com a saudação — «Obrigado, Venceremos!». Uma saudação que pode caracterizar as relações entre os camaradas de todo o mundo, a música ajuda, a certeza da vitória.



URSS e RDA: através dos jornais irmãos e dos respectivos partidos, a presença amiga e solidária no Alto da Ajuda, onde também estiveram representados outros países da comunidade socialista



SEMANA Internacional

2 Quarta-feira



O PCE e o PSOE iniciam em Espanha uma campanha contra a entrada do país na NATO. Hans Oskar, presidente da Federação Sindical da Alemanha Federal (DGB), anuncia uma campanha a nível mundial contra as armas nucleares. Falando numa conferência da ONU sobre os países mais pobres e a decorrer em Paris, o presidente de Cabo Verde, Aristides Pereira, afirma que de 1970 a 1979 quadruplicou a dívida externa não amortizada dos 21 países africanos menos desenvolvidos. O «ayatollah» Mohammad Reza Mahdavi Kani recebe apoio maioritário do parlamento para ocupar o cargo de primeiro-ministro do Irão, na sequência de um atentado que vitimou o anterior chefe de governo. O chanceler da RFA, Helmut Schmidt, anuncia que o presidente soviético Leonidas Brejnev visitará oficialmente o seu país em Novembro próximo. O governo da RP de Angola denuncia a vergonhosa convívio dos EUA com a África do Sul na actual invasão ao sul de Angola e protesta vigorosamente contra o veto norte-americano na ONU à condenação formal dos racistas.

3 Quinta-feira

O jornal londrino «The Times» noticia que o veto norte-americano no Conselho de Segurança da ONU a uma resolução em que se condenava a África do Sul pela invasão de Angola provocou a divisão entre o chamado «grupo de contacto» (EUA, Grã-Bretanha, França, RFA e Canadá); nessa votação todos os parceiros dos EUA votaram a favor da resolução, à excepção da Grã-Bretanha que se absteve para, segundo o jornal britânico, «não deixar os EUA isolados». Os ministros dos NE da Dinamarca, Suécia, Noruega, Islândia e Finlândia concordam em intensificar os contactos tendentes a conseguir uma zona desmilitarizada no norte da Europa. O governo cubano desmente categoricamente as declarações do secretário de Estado norte-americano Alexander Haig, segundo as quais estariam a ser enviadas armas e assessores cubanos para El Salvador. O Partido Operário Unificado Polaco (POUP) rejeita as exigências feitas pelo «Solidariedade» para a autogestão total nas empresas. A polícia egípcia desencadeia na noite de hoje uma das maiores vagas de prisões dos últimos meses, tendo o Ministério do Interior tentado encobrir o verdadeiro objectivo das prisões (que se abatem sobre meios progressistas, críticos de Sadat) afirmando que os presos estiveram envolvidos em «conflitos de ordem religiosa» e alteraram a «tranquilidade pública».

4 Sexta-feira



Um comunicado do Ministério da Defesa angolano revela que um contingente de mais de 11 mil soldados sul-africanos fortemente armado ocupa a quase totalidade da província do Cunene. A Junta Militar fascista boliviana nomeia um dos seus membros, o comandante do Exército general Celso Torrello Villa, para o cargo de Presidente da República em substituição de Garcia Meza, que recentemente foi forçado a demitir-se. O embaixador da França em Beirut, Louis Delamarre, é assassinado a tiro perto da sua residência junto da «Linha Verde», que separa os sectores cristão e muçulmano na capital libanesa.

5 Sábado



O regime de Sadat, do Egipto, faz mais de mil e cem prisões nos últimos dias, na «maior campanha de repressão contra os opositores em 11 anos de regime», segundo a insuspeita agência norte-americana AP; entre os detidos mais conhecidos encontram-se o antigo vice-primeiro-ministro Mohammed Zayyat e dirigentes do recentemente proibido Partido Neo-Wafdistas; de uma maneira geral as agências admitem que os presos são todos das áreas democráticas e progressistas, pelo que cai pela base a justificação oficial de luta contra a «violência religiosa» no país. O procurador-geral do Irão, Ali Qoddoussi, morre vítima de um atentado à bomba no quartel-general do comando militar iraniano em Teerã. A polícia anuncia a morte de um dos mais procurados terroristas do GRAPO, Enrico Cerdan Calixto, num tiroteio em plena cidade de Madrid com as forças de segurança espanholas. A aviação racista sul-africana ataca um grupo de jornalistas estrangeiros que se deslocava ao sul invadido de Angola, ferindo o jornalista inglês Mike Woodridge, da «BBC» de Londres, e mais duas pessoas.

6 Domingo

O presidente Sadat, do Egipto, exonera e desterra o patriota da Igreja cristã copta, de 23 milhões de membros, Papa Shenouda III, e admite que se prenderam mais de 1500 pessoas numa acção repressiva contra grupos religiosos e opositores políticos. Vão a sepultar o procurador-geral iraniano, Ali Ghodussi, e o chefe da polícia, coronel Dastgird, ontem assassinados em atentados bombistas. Tony Bell, dirigente da ala esquerda do Partido Trabalhista britânico, afirma num comício que a chamada «ameaça russa» não passa de um mito espalhado pela imprensa burguesa, recordando por outro lado o decisivo papel dos soviéticos durante a II Guerra Mundial no esmagamento do nazi-fascismo.

7 Segunda-feira

O regime de Sadat confisca 40 000 mesquitas, no prosseguimento da sua violenta campanha repressiva. Começa em Blackpool o congresso anual da Confederação Britânica dos Sindicatos (TUC), com duros ataques contra o governo de Margaret Thatcher. Agostinho Mendes de Carvalho, ministro angolano da Saúde, afirma em Lisboa, onde esteve de passagem, que as forças dos racistas sul-africanos continuam a devastar grande parte do sul de Angola, levando a cabo operações aéreas e terrestres contra alvos militares e populações civis. Fernan Cienfuegos, membro do comando da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN), revela ao semanário argentino «La Revolución Africana» que a Frente guerrilheira controla as principais estradas de El Salvador.

8 Terça-feira

A Assembleia Nacional francesa começa a debater a legislação relativa às nacionalizações, à abolição da pena capital e à energia nuclear. Durante um jantar em honra do presidente do Vietname, Le Duan, que se encontra em viagem de amizade à URSS, o presidente soviético Leonidas Brejnev afirma que a União Soviética não deixa de exportar a que se abandone a corrida aos armamentos, avisando contudo que o seu país não ficará indiferente ao aparecimento de novas armas nos arsenais dos EUA e restantes membros da NATO.

Efeméride da Semana — A 7 de Setembro de 1974 é assinado o acordo de Lusaka para a independência de Moçambique, enquanto rebenta uma intencional reacção no Maputo (então Lourenço Marques), que é derrotada. A RP de Moçambique iria surgir em breve como um novo país progressista de África.

Internacional

Solidariedade activa com o MPLA-PT e o povo da RP de Angola!

O Auditório Central da Festa do «Avante!» abarrotava de gente quando, pelas 16 horas de domingo, se deu início ao Comício de Solidariedade com o MPLA-Partido do Trabalho e o Povo angolano. Centenas de pessoas apinhavam-se no calor do vasto recinto (quente, apesar da instalação de ar condicionado ter diminuído substancialmente a «fornalha» que caracterizava o Auditório) e quando o camarada Dany Narciso, chefe da delegação do MPLA-PT, subiu ao palco acompanhado de Alda Nogueira, membro do CC do PCP, Daniel Matos, presidente da Associação de Amizade Portugal-RP de Angola e Domingos Lopes, também da direcção da Associação, um clamor imenso se ergueu em vibrante manifestação de solidariedade. Irompia assim, com espontaneidade, o «tom» que caracterizaria todo o Comício.

A camarada Alda Nogueira saudaria, em nome do CC do PCP e dos comunistas portugueses o MPLA-PT, o Povo angolano e a heroica luta que há muito travam pela sua pátria livre e independente, primeiro contra o colonial-fascismo, agora contra a agressão dos racistas sul-africanos acobertados pelo imperialismo norte-americano. Denunciaria os sinistros planos imperialistas para a África Austral, planos que almejam a destruição da independência e dos regimes democráticos da região e a perpetuação da ocupação ilegal da Namíbia.

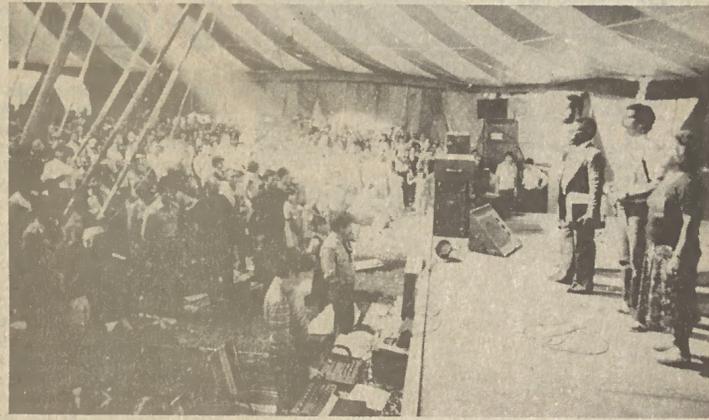
«Na hora trágica que o povo angolano vive neste momento — sublinharia a camarada Alda Nogueira — de luto, dor, sofrimento e sacrifícios de toda a espécie, sob a direcção da sua vanguarda revolucionária, o MPLA-PT, o PCP mais uma vez, hoje como ontem, reafirma junto de vós, a nossa solidariedade inquebrantável com o Partido irmão».

E mais adiante acrescentaria: «os comunistas portugueses, o Povo português condenam desde a primeira hora a agressão das tropas racistas sul-africanas à República Popular de Angola, a coberto e com a ajuda descarada do imperialismo, do governo dos EUA. Os comunistas portugueses, o Povo português confiam firmemente na vitória da justa luta do povo angolano contra o invasor, condenado pela História e pelos povos de todo o mundo, incluindo o povo dos EUA».

«Nós ganhámos muito mais força que eles...»

Falando de improviso, o camarada Dany Narciso começaria por chamar a atenção sobre a gravidade do que se passa no seu país, sublinhando que a imprensa reaccionária em Portugal mentia ao falar da situação que presentemente se vive no sul de Angola. «Neste momento milhares de angolanos estão desalojados, assassinados, devido às acções dos racistas, que bombardeiam populações indefesas; neste momento em Angola, a 250 km da nossa fronteira, registam-se fortes combates com os racistas, os quais mais não avançaram porque deparam com a resistência e preparação militar, técnica e tecnológica da FAPLA».

«Reagan deu força aos racistas — sublinharia com vigor Dany Narciso — mas nós ganhámos muito mais força que eles, porque nós tivemos oportunidade de assistir a um levantamento internacional que afirmou concludente solidariedade com o MPLA-PT e o Povo angolano». «O imperialismo ataca não por sermos feios ou bonitos — acrescentaria — mas pela nossa opção socialista, por um país onde não haja lugar para exploração do homem pelo homem; ataca



No comício, minuto de silêncio à memória de Agostinho Neto



A solidariedade com o Povo angolano foi uma constante nos três dias da Festa. Na Cidade Internacional, a representação do MPLA-PT sentiu de forma saliente a atmosfera de amizade e solidariedade dos comunistas e de outros visitantes, nesta hora difícil em que os patriotas angolanos combatem com firmeza a agressão racista sul-africana

porque queremos construir em África uma pátria socialista, conduzida pelo MPLA-PT, partido marxista-leninista».

Após referir a solidariedade de sempre dos comunistas portugueses para com a

luta do povo angolano e os tradicionais laços de amizade entre o MPLA-PT e o PCP — já antigos, desde a luta comum contra o colonial-fascismo — o camarada Dany Narciso, evocando a célebre frase «ao inimigo,

nem um palmo de terra», recordaria que a RP de Angola é e será em África trincheira firme contra o imperialismo e o colonialismo, ao lado da SWAPO, da ANC e de todos os povos oprimidos da África Austral.

Concentração em Lisboa

• Apoio da DORL

Promovida pela Associação de Amizade Portugal-Angola, realiza-se amanhã, sexta-feira, dia 11, às 19 horas, uma concentração frente à embaixada da África do Sul em Lisboa exigindo a retirada imediata dos racistas do território soberano da RP de Angola.

Sublinhe-se que a Festa do «Avante!» deu particular relevo à situação que se vive em Angola, desenvolvendo-se ao longo dos três dias da Festa várias iniciativas de solidariedade para com o MPLA-PT e o povo angolano, nomeadamente um abaixo assinado repudiando as agressões racistas e exigindo a sua retirada imediata.

Durante o comício de solidariedade com o MPLA-PT realizado no Auditório Central da Festa — e que foi o ponto culminante de todas as iniciativas de solidariedade com a RP de Angola — seria aprovada por unanimidade e aclamação pelas muitas centenas de pessoas presentes uma Moção conde-

nando «firmemente a agressão e ocupação militar do Sul de Angola pelas tropas racistas sul-africanas apoiadas pelo imperialismo norte-americano», exigindo a sua retirada total e incondicional e exprimindo «ao CC do MPLA-PT e ao povo irmão angolano a sua solidariedade nesta hora difícil da sua luta em defesa da soberania nacional e da integridade territorial da sua pátria».

Expressando igualmente solidariedade com a luta do povo da Namíbia, conduzida pela SWAPO e a luta do povo sul-africano conduzida pelo ANC, a Moção apelou finalmente à participação na concentração junto à embaixada da RSA, em Lisboa, que se realizará amanhã.

Refira-se igualmente que a DORL do PCP emitiu uma nota apoiando a concentração frente à embaixada dos racistas, exigindo a sua imediata retirada de Angola.

Países socialistas

Aniversário da Bulgária a provar que o futuro é já hoje

A 9 de Setembro de 1944 o povo búlgaro triunfava sobre o fascismo, encetando uma nova etapa, de transição, que a partir de 1948 se definiria como caminho para o Socialismo, única via de libertação e progresso do povo búlgaro.

Nesse histórico dia 9 de Setembro de 1944 o governo nazi imposto ao país seria derrubado pelo povo búlgaro, estimulado pela marcha do Exército Vermelho através da Bulgária, na sua ofensiva imparável contra os nazi-fascistas.

Este levantamento vitorioso do povo búlgaro teve por trás um firme trabalho de organização do Partido Comunista Búlgaro sob a direcção de Jorge Di-

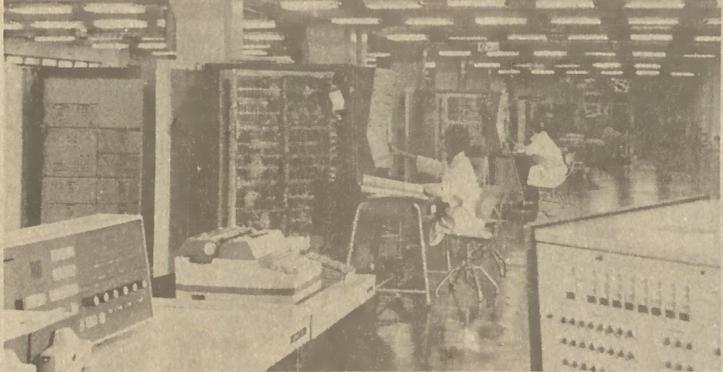
mitrov, líder destacado da classe operária do seu país e prestigiado dirigente do movimento comunista internacional.

Sob a iniciativa de Dimitrov criou-se em 1942 — já sob o jugo nazi, que ocupara o país no ano anterior — a Frente da Pátria, agrupando partidos e forças antifascistas e cujo programa, elaborado pelo próprio Jorge Dimitrov, mobilizou milhões de cidadãos búlgaros empenhados na derrota e expulsão do invasor nazi. O movimento guerrilheiro daí emergente seria a força determinante na grande vitória de 9 de Setembro de 1944.

Entrou-se então num intenso período de reconstrução económica e de intensa luta política

sobre o futuro do país, até que nas eleições de 1946 o Partido Comunista Búlgaro alcançaria 53% de todos os votos. Em 1948, no V Congresso do PCB, um relatório de Jorge Dimitrov apontava as tarefas e acções de edificação do socialismo, ampliamas em 1956 na histórica reunião do CC do PCB de 1956, que marcaria o rumo para o desenvolvimento acelerado do socialismo na Bulgária.

Hoje, 37 anos depois do histórico 9 de Setembro, a Bulgária é um país desenvolvido técnica, social e materialmente. O seu povo vive um dia-a-dia próspero, pacífico e confiante. A provar que a felicidade dos povos é inseparável da edificação da sociedade socialista.



Actualmente, 60% de todo o rendimento nacional da Bulgária recai na indústria, constituindo a exportação de tecnologia e equipamentos 45% das exportações do país, que já construiu mais de 600 fábricas, linhas tecnológicas e outras instalações industriais em mais de 40 países. Por outro lado a agricultura da Bulgária, um dos principais sectores da economia do país, assim como a indústria alimentar, assegura cerca de 25% do rendimento nacional e um terço da exportação, tendo nos últimos cinco anos a produção global agrícola aumentado duas vezes e meia

O 33.º aniversário da RDP da Coreia

A República Democrática Popular da Coreia comemora este ano o seu 33.º aniversário. Muito longe vai o tempo da ocupação imperialista japonesa — absolutamente diferente é a realidade social, económica e política do país. Hoje estão lançadas as bases do socialismo na República Popular Democrática da Coreia. O sistema feudal de relações, a exploração e a miséria

do povo norte-coreano foram totalmente banidos com o imperialismo colonial japonês.

Mais tarde os EUA desencadearam uma guerra de agressão à jovem República, sendo estrependentemente derrotados. Impuseram no entanto a divisão artificial do país, apoiando e mantendo a Sul um regime ditatorial e servil, enquanto procurado por todos os meios im-

pedir a reunificação pacífica da pátria coreana. Essa reunificação acabará por se concretizar, queira ou não o imperialismo. Disso é garantida a República Democrática Popular da Coreia que saberá, com firmeza e determinação, vencer mais este obstáculo e concretizar os anseios de todo o povo coreano, em particular os oprimidos patriotas da Coreia do Sul.

A situação agrava-se no Sul de Angola

O Sul de Angola continua a ferro e fogo, com os racistas sul-africanos ocupando a província do Cunene, mantendo na zona poderosos efectivos e meios militares. Privilegiando os bombardeamentos aéreos — são crescentes as dificuldades em enfrentar as FAPLA no terreno — o invasor prossegue a estratégia do terror, assassinando indiscriminadamente populações indefesas, arrasando o que lhe aparece pela frente (sejam objectivos militares, postos médicos ou escolas), saqueando o que pode e destruindo o que não é transportável.

Torna-se cada dia mais claro que os criminosos de Pretória pretendem comprometer definitivamente a resolução 345 da ONU sobre a Namíbia (que exige a realização de eleições livres, supervisionadas pelas Nações Unidas, para a independência do território), criando no Sul de Angola uma zona tampão onde eventualmente instalariam os fantoches da Unita. Vá e perigosa ambição. Com ela os racistas parecem estar esquecidos da espectacular derrota militar sofrida em 1976, quando foram escorraçados da pátria de Agostinho Neto e viram definitivamente derrubado o

mito da «invencibilidade sul-africana». Esta agressão não seria possível sem a convívio e a cobertura política dos EUA, que insensatamente continuam sem arrear caminho no escandaloso apoio ao regime do «apartheid». Só que o espaço de manobra para as ambições reaganianas se reduz a olhos vistos, já com todos os seus mais indefectíveis aliados europeus — incluindo o governo de Margaret Thatcher — e fogosos «admiradores», caso da China, a arriparem caminho e a dessolidarizarem-se das posições norte-americanas pró-racistas.

Já ninguém pode tomar a sério a argumentação racista de que persegue em Angola «apenas» a SWAPO. Delegações de embaixadores ocidentais acreditados em Luanda já visitaram as zonas atingidas pelos racistas e verificaram a barbárie nazi-racista praticada no Sul de Angola. Francesco Corrias, embaixador italiano na RPA, manifestaria mesmo a sua indignação face à completa destruição do município de Cahama, no Cunene. Jornalistas estrangeiros têm feito relatos impressionantes tendo mesmo um deles, Mike Woodridge, da «BBC» de Londres, sido ferido pelos

racistas, que metralharam de avião a coluna dos jornalistas. Este homem declararia depois para a insuspeita emissora a que pertence que só viu gente a falar português na zona, tropas das FAPLA que heroicamente têm feito frente ao Exército invasor. Cata assim por terra mais uma das atoardas racistas de que teriam aprisionado «militares soviéticos» na zona.

Por outro lado, como bem deixou explícito o embaixador angolano na ONU e o Governo angolano tem afirmado repetidamente, nunca foi segredo para ninguém a ajuda material e técnica dos países socialistas, nomeadamente Cuba e URSS, ao povo angolano na reconstrução e defesa do seu país. É chocante descaramento procurar «argumentos» desse tipo. Sendo certo — e também como deixou bem explícito o embaixador angolano na ONU — que a prosseguir o impedimento por parte dos EUA em se procurar uma solução para o problema da invasão racista no âmbito das Nações Unidas, restará à RP de Angola invocar o artigo 51 da Carta da ONU, que faculta aos países agredidos o direito de recorrerem a auxílio exterior para fazer frente à agressão.

Vaga repressiva no Egipto mostra isolamento de Sadat

A recente vaga repressiva desencadeada pelo regime de Anwar Sadat no Egipto sobre opositores políticos atingiu proporções que as próprias agências noticiosas norte-americanas classificaram como sem precedentes nos 11 anos de governo de Sadat.

A vaga repressiva surgiu sob a máscara oficial de acabar com a «violência sectária» entre cristãos copitas e «radicais muçulmanos». Todavia ninguém acreditou nisso, e o próprio Sadat acabaria por reconhecer o carácter político da campanha repressiva ao considerar como «delitos» dos religiosos presos o facto de se manifestarem contra os acordos de paz separada com Israel e a completa subordinação do país aos EUA.

De facto os templos das diferentes comunidades reli-

giosas, assim como as suas publicações, haviam-se tornado no Egipto no único espaço possível a uma mínima liberdade de expressão.

Entretanto enquanto eram confiscadas nada mais nada menos que 40 000 mesquitas pertencentes a diversas comunidades religiosas, foram presas no último fim-de-semana 1536 pessoas e desterrado o patriarca da Igreja cristã copta, Papa Shenouda III, para um mosteiro no deserto. Entre os prisioneiros encontram-se um ex-vice-primeiro-ministro, oito ex-ministros, dez outros políticos da oposição, pelo menos dez jornalistas, 16 advogados, 150 membros da Igreja copta (que, recordo-se, congrega 23 milhões de membros no país), entre os quais oito bispos e 16 padres. Os restantes 1300 prisioneiros parecem ser, na sua maioria, muçulmanos. Entre as várias mulheres

presas há duas escritoras — Latifa El-Sayyat, membro destacado do Partido Progressista Unionista, de esquerda, e Nawal Saadawi, figurando ainda entre os presos Mahamed Heikal, ex-diretor do jornal «Al-Ahram», o qual foi conselheiro do presidente Nasser e ex-secretário-geral da Liga Árabe.

O número de prisões, o radicalismo das medidas, o vasto leque político e social abrangido pela vaga repressiva é bem eloquente do miserável isolamento em que se encontra o ditador egípcio, mesmo dentro do seu próprio país, e a sua já indiferecível dificuldade em se impor perante o seu próprio povo. Povo que mais cedo ou tarde o afastará inapelavelmente do poder, que tem utilizado com arbítrio, corrupção e já total servilismo face ao imperialismo e o sionismo.

Festa do **Avante!**

Espectáculos

Entusiasmo e Qualidade

Nova música como a que nos chegou de Cuba, novos sons, rupturas com melodias e ritmos tradicionais, como a de outros grupos estrangeiros, e a música que se faz em Portugal, bem representada na Festa, dispuseram este ano de uma qualidade de transmissão sonora única em Portugal. A fidelidade do som em 6 palcos e 5 auditórios foi conseguida com mais de 60 mil watts, 25 mil dos quais no Palco principal da Festa. Como o "Avante!" já anunciara, esse Palco contou mais ou menos com o dobro da potência sonora do ano passado. Valorizar a excelente qualidade já alcançada foi uma das preocupações que melhores resultados técnicos obteve em toda a Festa.

Escusado será acentuar os efeitos brilhantes que esses resultados tiveram na qualidade estética e na adesão do público imenso que encheu o Casalinho da Ajuda no último fim-de-semana.

São naturalmente numerosos, variados e entusiásticos os testemunhos sobre o êxito da Festa. A própria participação em

massa é o exemplo mais à mão de como foi muito boa a sétima edição de um número muito especial do «Avante», que

fazemos todos os anos juntos com todo o Partido, com os seus amigos e simpatizantes. Mas deixamos as generalidades sobre o êxito para outro local ou local do jornal e ficamos aqui com o mérito dos espectáculos e com a sua variedade.

Como nos anos anteriores houve de tudo quanto é música popular. Mas atenção desde já a um aspecto infalível: esta referência às seis Festas, que se realizaram cada vez melhor desde 1976, não quer dizer repetição mecânica ou imaginação a menos. Neste campo quer dizer Festa nova e nada mais.

De ano para ano a qualidade varia, é inevitável, num ou noutro ponto. O que se mantém inalterável é a cobertura única, sempre dizer exemplar, de um vastíssimo leque de preferências culturais e lúdicas, de atenção permanente à criatividade com valor provado, sem esquecer nunca o património riquíssimo das aquisições culturais do nosso povo.

Ainda que ela possa interessar apenas a uma parte, a um sector específico de visitantes, inclusivamente a um grupo com uma média de idades bem diferenciada, essa criatividade lá está.

Mas são centenas de milhares as pessoas que percorrem a Festa, que acorrem aos espectáculos. Por isso há

sempre quem lhe saiba a pouco a actuação dos artistas que prefere. Contra isso pouco podemos fazer. A Festa dura 60 e poucas horas e há tanto para ouvir, apreciar, reter, discutir, apontar.

Por outro lado, sublinhemos aquilo que aparentemente pode ter um ar contraditório. Mas não. Quando se diz que os espectáculos não se repetem mecanicamente de ano para ano e ao mesmo tempo se acrescenta que a cobertura das preferências culturais é sempre idêntica, só queremos chamar com isso a atenção para o seu carácter incontestado de grande acontecimento cultural de massas, sem paralelo no País.

A Festa do «Avante!» cobre desde a romaria ao recital, desde a banda ao colóquio, desde o frango de churrasco à especialidade da cozinha regional. O mesmo se passa naturalmente com os espectáculos.

As marchas populares dos bairros lisboetas ombreiam com a música brasileira, uma cantora e um cantor célebres em todo o mundo entram no palco a seguir a um jovem conjunto de música «rock».

Tudo se ajusta, completa e espicaça o juízo crítico de cada um. A Festa não sofre com isso.

Ganha mas é largueza, abertura, adquire outra força - até pelo contraste - proporciona a oportunidade de comparar formas culturais distintas que têm o seu público, como é natural.

Nacional, a realização da Festa tem procurado alargar e satisfazer cada vez mais e melhor esse campo de preferências orientando-se sempre pela qualidade, pela variedade e naturalmente pelos valores humanos, sociais e políticos que não são alheios aos espectáculos e à cultura popular. Novamente este ano, os coros populares alentejanos actuaram

no auditório central antes de um grupo teatral da cidade, o jovem cinema africano (representado pela primeira vez) não excluiu a obra do mestre Eisenstein, um coro de Moscovo esteve perfeita e internacionalmente à vontade com um grupo de Almada, com as marchas populares, com os acordes finais de um quarteto de um compositor português. Por isso são naturalmente numerosos, variados e entusiásticos os testemunhos que se ouvem e ouvirão sobre a qualidade dos espectáculos, sobre o êxito que constituiu a Festa do «Avante!».



Manuel Gerena



Fernando Tordo



Tubarões



Júlio Pereira



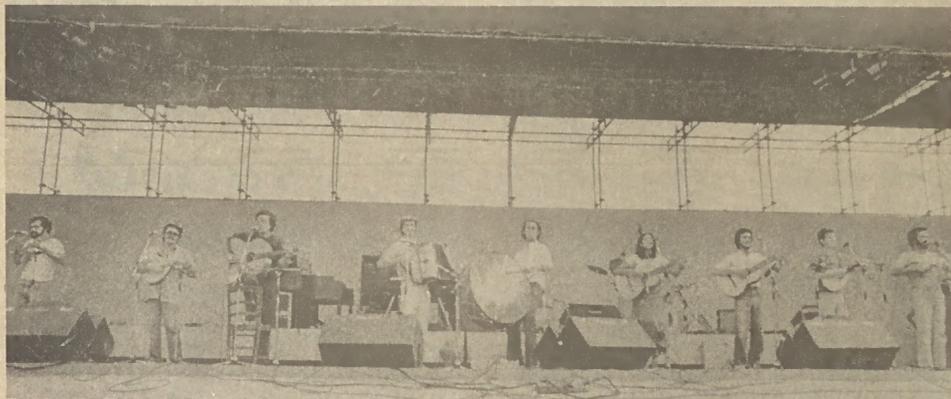
Ivan Lins e Lucia Lins



Kamelia Tudorova



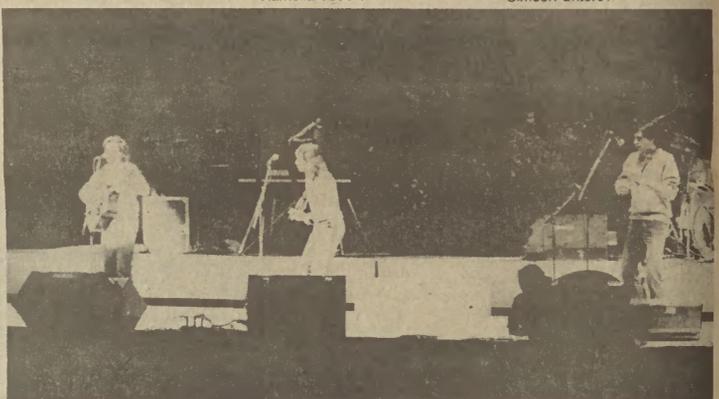
Simeon Shterev



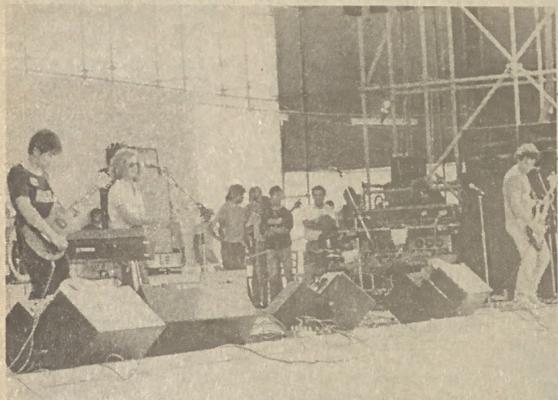
Brigada Victor Jara



Rui Veloso



Trovante



UHF



Impulse



António Victorino d'Almeida



Cárls do Carmo



Ary dos Santos



Paulo de Carvalho



Salada de Frutas com Lena d'Água

Piramis



Dexy's Midnight Runners



Los Irakere



Samuel, Pedro Osório, Maria do Amparo, Helena Isabel e Carlos Alberto Moniz



Gisela May e Alfred Müller



Coro da Juventude e dos Estudantes de Moscovo